

O *Éloge de la Créolité* (1993), a partir das suas raízes múltiplas, é representado por inúmeras características, dentre elas, a própria Crioulidade somada a outros aspectos que já se encontravam carregados pelo fluxo da História. Essa somatória foi transversalmente tocada por outras vertentes que compõem essa escrita da *Relação* com o outro, com a alteridade, com a poética deflagrada por valores linguísticos intensamente marcados, pela recusa ao eurocentrismo e ao mimetismo (em detrimento de uma “visão interior”) a partir de um olhar novo, que busca reconfigurar correntes literárias e até mesmo movimentos como o da Negritude e da Antilhanidade.

A relação identitária que se estabelece dentro desse manifesto é, como afirma Glissant (2005), a necessidade única do mundo. Estar em relação, nesse sentido, é poder compreender todo o potencial que cada um apresenta e, ao mesmo tempo, reconhecer o outro enquanto outro sem que ele me usurpe e vice-versa. Desse modo, o manifesto se configura dentro da relação com o outro e ao mesmo tempo estabelece o seu lugar de fala, delimitando o seu espaço e simultaneamente reconhecendo que foi constituído por outros espaços, poéticas e valores. De modo geral, a história contada no *Éloge de la créolité* se assemelha à História do Brasil – do princípio ao fim – e da mesma forma que os antilhanos precisaram compreender a relação entre colonizador e colonizado, mímica e autenticidade, nós precisamos compreender que se (des) mimetizar do outro não significa ser inferior, significa valorar contatos múltiplos que se fazem inegavelmente ricos e mestiços.

Dessa maneira, o projeto aqui apresentado está ligado a uma leitura crítica-analítica acerca do *Éloge de la créolité* e na tentativa de estabelecer uma tradução que contribua para uma reflexão, não só da mestiçagem, mas sobre o próprio fazer tradutório. Assim, acreditamos contribuir para a desmistificação dessas escritas, sejam elas caribenhas, africanas ou qualquer outra que na sua tradução se veja extremamente explicada, deturpada como algo transcendental. À vista disso apresentamos uma tradução bilíngue, em formato espelhado para que se possa consultar de maneira fácil o seu original. Por fim, com a leitura desse texto esperamos que seja percebido não só a profundidade e o peso que essas palavras carregam, mas a beleza intrínseca que aqui reside.

ÉLOGE DE LA CRÉOLITÉ

Pour
AIMÉ CÉSAIRE
Pour
ÉDOUARD
GLISSANT
ba
FRANKÉTYÈN

C'est par la différence et dans le divers que
s'exalte
L'Existence.
Le Divers décroît.
C'est là le grand danger.
V. SEGALEN

La sommer libre enfin
de produire de son intimité
close
la succulence des fruits.
A. CÉSAIRE

Ne soyez pas les mendiants de l'Univers
quand les tambours établissent le
dénouement
E. GLISSANT

Une tâche colossale que l'inventaire du réel !
F. FANON

PROLOGUE

Ni Européens, ni Africains, ni Asiatiques,
nous nous proclamons Créoles. Cela sera pour
nous une attitude intérieure, mieux : une
vigilance, ou mieux encore, une sorte
d'enveloppe mentale au mitan de laquelle se
bâtira notre monde en pleine conscience du
monde. Ces paroles que nous vous
transmettons ne relèvent pas de la théorie, ni

ELOGIO DA CRIOLIDADE

Para
AIME CESAIRE
Para
ÉDOUARD
GLISSANT
ba
FRANKETYÈN

É pela diferença e no diverso que
se exalta
a Existência.
O diverso decresce.
Aí está o grande perigo.
V. SEGALEN

O pedido livre enfim
de produzir de sua intimidade
fechada
a suculência das frutas
A. CÉSAIRE

Não sejam os mendigos do Universo
quando os tambores estabelecem o
desfecho
E. GLISSANT

Uma tarefa colossal, o inventario do real!
F. FANON

PRÓLOGO

Nem Europeus, nem Africanos, nem
Asiáticos, nós nos proclamamos Crioulos. Isto
será para nós uma atitude interior, melhor:
uma vigilância, ou melhor ainda, um tipo de
envelope mental no meio do qual se edificará
nosso mundo com plena consciência do
mundo. Essas palavras que nós lhes
transmitimos não provém da teoria, nem de

de principes savants. Elles branchent au témoignage. Elles procèdent d'une expérience stérile que nous avons connue avant de nous attacher à réenclencher notre potentiel créatif, et de mettre en branle l'expression de ce que nous sommes. Elles ne s'adressent pas aux seuls écrivains, mais à tout concepteur de notre espace (l'archipel et ses contreforts de terre ferme, les immensités continentales), dans quelque discipline que ce soit, en quête douloureuse d'une pensée plus fertile, d'une expression plus juste, d'une esthétique plus vraie. Puisse ce positionnement leur servir comme il nous sert. Puisse-t-il participer à l'émergence, ici et là, de verticalités qui se soutiendraient de l'identité créole tout en élucidant cette dernière, nous ouvrant, de ce fait, les tracés du monde et de la liberté.

La littérature antillaise n'existe pas encore. Nous sommes encore dans un état de pré littérature: celui d'une production écrite sans audience chez elle méconnaissant l'interaction auteurs/lecteurs où s'élabore une littérature. Cet état n'est pas imputable à la seule domination politique, il s'explique aussi par le fait que notre vérité s'est trouvée mise sous verrous, à l'en-bas du plus profond de nous-mêmes, étrangère à notre conscience et à la lecture librement artistique du monde dans lequel nous vivons. Nous sommes fondamentalement frappés d'extériorité. Cela depuis les temps de l'antan jusqu'au jour d'aujourd'hui. Nous avons vu le monde à travers le filtre des valeurs occidentales, et notre fondement s'est trouvé « exotisé » par la vision française que nous avons dû adopter. Condition terrible que celle de percevoir son architecture intérieure, son monde, les instants de ses jours, ses valeurs propres, avec le regard de l'Autre. Surdéterminés tout du long, en histoire, en pensées, en vie quotidienne, en idéaux (même progressistes), dans une attrape

princípios sábios. Elas se conectam ao testemunho. Elas procedem de uma experiência estéril que nós conhecemos antes de nos dedicarmos a religar nosso potencial criativo e de colocar em movimento a expressão do que somos. Elas não se dirigem apenas aos escritores, mas a todo desenhador do nosso espaço (o arquipélago e seus contrafortes de terra firme, as imensidades continentais), em qualquer disciplina que seja, em busca dolorosa de um pensamento mais fértil, de uma expressão mais justa, de uma estética mais verdadeira. Que esse posicionamento possa servi-los como nos serve. Que ele possa participar da emergência, aqui e lá de verticalidades que se sustentariam da identidade crioula, elucidando esta última, nos abrindo, dessa forma, os traçados do mundo e da liberdade.

A literatura Antilhana não existe ainda. Nós estamos até então num estado de pré literatura: o de uma produção escrita sem audiência própria, desconhecendo a interação autores/leitores onde se elabora uma literatura. Este estado não é atribuído unicamente à dominação política, ele se explica também pelo fato que nossa verdade foi posta atrás das grades, abaixo do mais profundo de nós mesmos, estrangeira a nossa consciência e à leitura livremente artística do mundo no qual vivemos. Somos fundamentalmente marcados de exterioridade. Isso desde o tempo de outrora até os dias de hoje. Vimos o mundo através do filtro dos valores ocidentais e nosso fundamento se encontra "exotizado" pela visão francesa que tivemos de adotar. Condição terrível, a de perceber sua arquitetura interior, seu mundo, os instantes de seus dias, seus valores próprios, com o olhar do Outro. Sobredeterminados do princípio ao fim na história, nos pensamentos, na vida cotidiana, nos ideais (mesmo

de dépendance culturelle, de dépendance politique, de dépendance économique, nous avons été déportés de nous-mêmes à chaque pan de notre histoire scripturale. Cela détermina une écriture pour l'Autre, une écriture empruntée, ancrée dans les valeurs françaises, ou en tout cas hors de cette terre, et qui, en dépit de certains aspects positifs, n'a fait qu'entretenir dans nos esprits la domination d'un ailleurs... D'un ailleurs parfaitement noble, bien entendu, minerai idéal vers lequel tendre, au nom duquel briser la gangue de ce que nous étions. Toutefois, contre une appréciation polémique, partisane, anachronique de l'Histoire, nous voulons réexaminer les termes de ce réquisitoire et promouvoir des hommes et des faits de notre continuum scriptural, une intelligence vraie. Ni complaisante, ni complice, mais solidaire.

progressistas), em uma armadilha de dependência cultural, de dependência política, de dependência econômica, nós fomos deportados de nós-mesmos em cada pedaço da nossa história escritural. Isso determinou uma escrita para o Outro, uma escrita emprestada, ancorada nos valores franceses ou em todo caso, fora dessa terra e que, a despeito de certos aspectos positivos apenas manteve em nossos espíritos a dominação de um outro... De um outro perfeitamente nobre, claro, minério ideal para o qual tender em nome do qual quebrar a ganga do que éramos. Todavia, contra uma apreciação polêmica, partidária, anacrônica da História, queremos reexaminar os termos desse réquisitório e promover homens e fatos do nosso continuum escritural, uma inteligência verdadeira. Nem complacente, nem cúmplice, mas solidária.

VERS LA VISION INTÉRIEURE ET L'ACCEPTATION DE SOI

Dans les premiers temps de notre écriture, cette extériorité provoqua une expression mimétique, tant en langue française qu'en langue créole. Indéniablement, nous eûmes nos horlogers du sonnet et de l'alexandrin. Nous eûmes nos fabulistes, nos romantiques, nos parnassiens, nos néo-parnassiens, sans même parler des symbolistes. Nos poètes s'enivraient en dérive bucolique, enchantés de muses grecques, fignant les larmes d'encre d'un amour non partagé pour des Vénus olympiennes. Il y avait là, hurlèrent non sans raison les censeurs, plus qu'un brocantage culturel : l'acquisition quasi totale d'une identité autre. Ces zombies furent évincés par ceux qui voulaient s'inscrire dans leur biotope maternel. Ceux qui plantèrent les yeux sur eux-mêmes et notre environnement, mais là aussi en forte extériorité, avec les yeux de

PARA A VISÃO INTERIOR E A ACEITAÇÃO DE SI

Nos primeiros tempos da nossa escrita, essa exterioridade provocou uma expressão mimética, tanto na língua francesa quanto na língua crioula. Inegavelmente, tivemos nossos relojeiros do soneto e do alexandrino. Tivemos nossos fabulistas, nossos românticos, parnasianos, neo-parnasianos, sem ao menos falar dos simbolistas. Nossos poetas embriagaram-se em deriva bucólica, encantados por musas gregas, vertendo lágrimas de tinta de um amor não correspondido pelas Vênus olímpicas. Havia aqui, gritavam não sem razão os críticos, mais que uma feira cultural: a aquisição quase total de uma outra identidade. Esses zumbis foram afastados pelos que queriam se inscrever no seu biótopo materno. Os que plantaram os olhos sobre si mesmos e nosso ambiente, mas aí também com forte exterioridade, com os

l'Autre. Ils virent de leur être ce qu'en voyait la France à travers ses prêtres-voyageurs, ses chroniqueurs, ses peintres ou poètes de passage, ou par ses grands touristes. Entre ciel bleu et cocotiers, fleurit une écriture paradisiaque, d'abord bon enfant puis critique à la manière des indigénistes du pays d'Haïti. On chanta la coloration culturelle de l'ici dans une scription qui désertait la totalité, les vérités alors dévalorisées de ce que nous étions. Ce fut, désespérément, aux yeux des appréciations militantes postérieures, une écriture régionale, dite doudouiste, donc pelliculaire : autre manière d'être extérieure. Pourtant, à y regarder de près, comme s'y est d'ailleurs appliqué Jack Corzani dans son *Histoire de la littérature des Antilles-Guyane **, cette écriture (de René Bonneville à Daniel Thaly, de Victor Duquesnay à Salavina, de Gilbert de Chambertrand à Jean Galmot, de Léon Belmont à Xavier Eyna, d'Emmanuel Flavia-Léopold à André Thomarel, d'Auguste Joyau à Paul Baudot, de Clément Richer à Raphaël Tardon, de Mayotte Capécia à Marie-Magdeleine Carbet...) préserva charge de mèches susceptibles de porter étincelles à nos obscurités. La meilleure preuve est celle que nous fournit l'écrivain martiniquais Gilbert Gratiant, de par son monumental ouvrage créole : *Fab Compè Zicaque***. Visionnaire de notre authenticité, il situa d'emblée son expression scripturale sur les pôles des deux langues et des deux cultures, française, créole, qui aimantèrent alors à hue et à dia les boussoles de notre conscience. Et s'il fut victime, à bien des égards, de l'inévitable extériorité, il n'en demeure pas moins que *Fab Compè Zicaque* est une extraordinaire investigation du lexique, des tournures, des proverbes, de la

olhos do Outro. Eles viram em seu ser o que a França via neles através dos seus padres-viajantes, dos seus cronistas, seus pintores ou poetas de passagem ou por seus grandes turistas. Entre o céu azul e coqueiros, floresceu uma escrita paradisíaca, primeiramente ingênua, depois crítica à maneira dos indigenistas do Haiti. Cantamos a coloração cultural do aqui em uma inscrição que deserdava a totalidade, as verdades então desvalorizadas do que éramos. Foi desesperadamente, aos olhos de apreciações militantes posteriores, uma escrita regional, dita duduista⁴⁸, logo peculiar: outra maneira de ser exterior. No entanto, olhando de perto, como fez aliás Jack Corzani na sua *Histoire de La littérature des Antilles-Guyane**, essa escrita (de René Bonneville à Daniel Thaly, de Victor Duquesnay a Salavina, de Gilbert de Chambertrand a Jean Galmot, de Léon Belmont a Xavier Eyma, de Emmanuel Flavia-Léopold a Andre Thomarel, de Auguste Joyau a Paul Baudot, de Clément Richer a Raphaël Tardon, de Mayotte Capécia a Marie-Magdeleine Carbet...) preservou uma quantidade de mechas suscetíveis a criar faíscas à nossa obscuridade. A melhor prova é a que nos fornece o escritor martinicano Gilbert Gratiant, com sua monumental obra crioula: *Fab Compè Zicaque***. Visionário da nossa autenticidade, ele situou de imediato sua expressão escritural nos polos de duas línguas e das duas culturas, francesa, crioula, que imantaram então em direções opostas as bussolas da nossa consciência. E se ele foi vítima, em muitos aspectos, de inevitável exterioridade, *Fab Comptè Zicaque* não deixa de ser uma extraordinária investigação do léxico, das expressões, dos provérbios, da mentalidade,

⁴⁸Do francês *doudouiste*: movimento literário que faz uso de uma representação da França ultramarina, em particular, as Antilhas francesas. Se caracteriza pela referência das suas manifestações mais exóticas.

mentalité, de la sensibilité, en un mot, de l'intelligence de cette entité culturelle dans laquelle nous tentons aujourd'hui une plongée salutaire. Nous nommons Gilbert Gratiant et bien des écrivains de cette époque précieux conservateurs (souvent à leur issu) des pierres, des statues brisées, des poteries défaites, des dessins égarés, des silhouettes déformées : de cette ville ruinée qu'est notre fondement. Sans tous ces écrivains-là, il eût fallu effectuer ce retour « au Pays Natal » sans balises ni appuis, sans même de ces lucioles éparses qui dans les nuits bleutées guident l'âpre espoir des voyageurs perdus. Et nous soupçonnons que tous, et Gilbert Gratiant plus encore, saisissent suffisamment de notre réalité pour créer les conditions d'émergence d'un phénomène multidimensionnel qui (totalement, donc de manière injuste, comminatoire mais nécessaire, et sur plusieurs générations) allait les éclipser : *la Négritude*.

* Éditions Désormeaux, 1978.

** Éditions Horizons Caraïbes, 1958.

À un monde totalement raciste, automutilé par ses chirurgies coloniales Aimé Césaire restitua l'Afrique mère, l'Afrique matrice, la civilisation nègre. Au pays, il dénonça les dominations et son écriture, engagée, prenant son allant dans les modes de la guerre, il porta des coups sévères aux pesanteurs post-esclavagistes. La Négritude césairienne a engendré l'adéquation de la société créole, à une plus juste conscience d'elle-même. En lui restaurant sa dimension africaine, elle a mis fin à l'amputation qui générait un peu de la superficialité de l'écriture par elle baptisée doudouiste.

da sensibilidade, em uma palavra, da inteligência dessa entidade cultural na qual tentamos hoje um mergulho salutar. Nomeamos Gilbert Gratiant e outros escritores dessa época, preciosos conservadores (muitas vezes sem o seu conhecimento) das pedras, das estátuas quebradas, de cerâmicas de barro desfeitas, dos desenhos perdidos, das silhuetas deformadas: dessa cidade arruinada que é nosso fundamento. Sem todos esses escritores, teria sido preciso efetuar o retorno “ao País Natal” sem balizas, nem apoios, sem até mesmo esses vaga-lumes esparsos que nas noites azuladas guiam a áspera esperança dos viajantes perdidos. E suspeitamos que todos, e Gilbert Gratiant mais ainda, apreendem suficientemente nossa realidade para criar as condições de emergência de um fenômeno multidimensional que (totalmente, logo, de maneira injusta, cominatória, mas necessária, e em várias gerações) iria eclipsá-los: *a Négritude*.

* Éditions Désormeaux, 1978.

** Éditions Horizons Caraïbes, 1958.

A um mundo totalmente racista, automutilado pelas suas cirurgias coloniais, Aimé Césaire restitui a África mãe, a África matriz, a civilização negra. No país, ele denunciou as dominações e, sua escrita engajada dinamizando-se como forma guerra, com golpes severos aos desdobramentos pós-esclavagistas. A Négritude césairiana criou a adequação da sociedade crioula a uma consciência mais justa dela mesma. Restaurando sua dimensão africana, pôs fim a amputação que gerava um pouco a superficialidade da escrita por ela batizada de *duduista*.

Nous voilà sommés d'affranchir Aimé Césaire de l'accusation — aux relents œdipiens — d'hostilité à la langue créole. Comprendre pourquoi, malgré le retour prôné «*a la hideur désertée de nos plaies*», Césaire n'allia pas densément le créole à une pratique scripturale forgée sur les enclumes de la langue française, c'est ce à quoi nous nous sommes engagés. Il ne sert à rien d'attiser cette question cruciale, et de citer, en contrepoint, la démarche de Gilbert Gratiant lequel s'attacha à investir les deux langues de notre écosystème. Il importe que notre réflexion, se faisant phénoménologique, se porte aux racines mêmes du fait césairien : homme tout à la fois d'«*initiation*» et de «*terminaison*», Aimé Césaire eut, entre tous, le redoutable privilège de, symboliquement, rouvrir et refermer avec la Négritude la boucle qui enserre deux monstres tutélaires l'Européanité et l'Africanité, toutes extériorités procédant de deux logiques adverses. L'une accaparant nos esprits soumis à sa torture, l'autre habitant nos chairs peuplées de ses stigmates, chacune à sa manière inscrivant en nous ses clés, ses codes, et ses chiffres. Non, elles ne sauraient, ces deux extériorités, être ramenées à la même mesure. L'Assimilation à travers ses pompes et ses œuvres d'Europe, s'acharnait à peindre notre vécu aux couleurs de l'Ailleurs. La Négritude s'imposait alors comme volonté têtue de résistance tout uniment appliquée à domicilier notre identité dans une culture niée, déniée et reniée. Césaire, un anticréole? Non point, mais *anté-créole*, si, du moins, un tel paradoxe peut être risqué. C'est la Négritude césairienne qui nous a ouvert le passage vers l'ici d'une Antillanité désormais postulable et elle-même en marche vers un autre degré d'authenticité qui restait à nommer. La Négritude césairienne est un baptême, l'acte primal de notre dignité

Somos obrigados a libertar Aimé Césaire da acusação — com ares edipianos — de hostilidade à língua crioula. Compreender porque, apesar do retorno pregado “*a feiura desertada de nossas feridas*”, Césaire não associou densamente o crioulo a uma prática escritural forjada sob as bigornas da língua francesa, é com isso que nos comprometemos. Não adianta atizar essa questão crucial, e citar, em contraponto, a abordagem de Gilbert Gratiant, que se aplicou a apoiar as duas línguas do nosso ecossistema. É importante que nossa reflexão, fazendo-se fenomenológica, se volte para as raízes do fato cesairiano: homem ao menos de “*iniciação*” e de “*término*”, Aimé Césaire teve, entre todos, o temeroso privilégio de, simbolicamente, reabrir e fechar com a Négritude o ciclo que encerra dois monstros tutelares: A europeanidade e a Africanidade, ambas exterioridades procedentes de duas lógicas adversas. Uma monopolizando os nossos espíritos submissos à sua tortura, a outra habitando nossas carnes povoadas por seus estigmas, cada uma, à sua maneira inscrevendo em nós suas chaves, seus códigos e seus valores. Não, estas duas exterioridades não poderiam ser reduzidas a mesma medida. A assimilação através das suas pompas e de suas obras da Europa obstinava-se a pintar nossa vivência com as cores do Alhures. A Négritude se impunha então como vontade teimosa da resistência totalmente aplicada a domiciliar nossa identidade em uma cultura negada, denegada e renegada. Césaire, um anticrioulo? Não propriamente, mas um *ante-crioulo* sim, pelo menos, tal paradoxo pode ser arriscado. Foi a negritude Césairiana que nos abriu a passagem para o aqui de uma Antilhanidade doravante postulável e ela própria caminhando em direção a outro grau de autenticidade que precisava nomear. A Négritude cesairiana é um batismo, o ato

restituée. Nous sommes à jamais fils d'Aimé Césaire.

Nous avons adopté le Parnasse. Avec Césaire et la Négritude nous prîmes pied dans le Surréalisme^{1*}. Il serait assurément injuste de considérer le maniement pour Césaire des «Armes miraculeuses » du Surréalisme comme une résurgence du bovarysme littéraire. En effet, le Surréalisme a fait exploser les cocons ethnocentristes, et a constitué en ses fondements mêmes une des premières réévaluations de l'Afrique opérées par la conscience occidentale. Mais, que le regard d'Europe dût en définitive servir d'intermédiaire à la remontée du continent d'Afrique enseveli, c'est cela qui pouvait faire craindre le risque d'une aliénation renforcée, à laquelle y avait peu de chances de réchapper sauf à être un miraculé : Césaire, en raison précisément de son génie immense, trempé au feu d'un langage volcanique, ne paya jamais tribut au Surréalisme. De ce mouvement, il devint, au contraire, l'une des figures les plus incandescentes, de celles qu'on ne saurait comprendre en dehors de toute référence au substrat africain ressuscité par la puissance opératoire du verbe. Mais le tropisme africain n'a nullement empêché Césaire de s'inscrire très profondément dans l'écologie et le champ référentiel antillais. Et si son chant ne s'est pas déployé en créole, il n'en demeure pas moins que sa langue, soumise à une lecture nouvelle, notamment dans *Et les Chiens se laissaient*², se révèle moins imperméable qu'on ne le croit généralement aux émanations créoles de ces maternelles profondeurs.

*Les notes du texte français sont regroupées, pg. 59.

La Négritude, hors le flamboiement prophétique de la parole, n'exposa aucune

primeiro da nossa dignidade restituída. Seremos eternamente filhos de Aimé Césaire. Havíamos adotado o Parnaso. Com Césaire e a Negritude colocamos o pé no Surrealismo^{1*}. Seria absolutamente injusto considerar o remanejamento para Césaire das “Armas miraculosas” do Surrealismo como uma ressurgência do bovarismo literário. De fato, o Surrealismo fez explodir os casulos etnocentristas e constituiu em seus fundamentos uma das primeiras reavaliações da África operadas pela consciência ocidental. Mas, que o olhar da Europa serviu, em definitivo, de intermediário à ascensão do continente Africano enterrado, isso é o que poderia suscitar o risco de uma alienação reforçada, a qual havia poucas chances de escapar a não ser por um milagre: Césaire, em razão precisamente do seu gênio imenso, mergulhado no fogo de uma linguagem vulcânica, não paga jamais tributo ao Surrealismo. Desse movimento, ele tornou-se, ao contrário, uma das figuras mais incandescentes, dessas que não saberia compreender fora de toda referência ao substrato africano ressuscitado pela potência operatória do verbo. Mas o tropismo africano não impediu de forma alguma Césaire de se inscrever muito profundamente na ecologia e no campo referencial antilhano. E se o seu canto não desabrochou em crioulo, ele permanece como sua língua, no entanto, submetida a uma leitura nova, notadamente em *Et les Chiens se laissaient*², se revela menos impermeável que não acreditamos geralmente nas emanações crioulas dessas maternas profundezas.

*As notas do texto francês estão reagrupadas, pg. 59.

A Negritude, salvo o clarão profético da palavra, não expõe nenhuma pedagogia do

pédagogie du Beau, ce dont, en fait, elle n'eut jamais le projet. À la vérité, la force prodigieuse qui émanait d'elle se passait d'art poétique. L'éclat dont elle resplendissait, balisant de signaux aveuglants l'espace de nos cillements, désamorça toute répétition thaumaturgique au grand dam des épigones. En sorte que, même galvanisant nos énergies au coin de ferveurs inédites, la Négritude ne remédia nullement à notre trouble esthétique. Il se peut même qu'elle ait, quelque temps, aggravé notre instabilité identitaire, nous désignant du doigt le syndrome le plus pertinent de nos morbidités : le déport intérieur, le mimétisme, le naturel du tout-proche vaincu par la fascination du lointain, etc., toutes figures de l'aliénation. Thérapeutique violente et paradoxale, la Négritude fit, à celle d'Europe, succéder l'illusion africaine. Originellement saisie du vœu de nous domicilier dans l'ici de notre être, elle fut, aux premières vagues de son déploiement, marquée d'une manière d'extériorité : *extériorité d'aspirations* (l'Afrique mère, Afrique mythique, Afrique impossible), *extériorité de l'expression de la révolte* (le Nègre avec majuscule, tous les opprimés de la terre), *extériorité d'affirmation de soi* (nous sommes des Africains)³. Incontournable moment dialectique. Indispensable cheminement. Terrible défi que celui d'en sortir pour enfin bâtir une nouvelle synthèse, elle-même provisoire, sur le parcours ouvert de l'Histoire, notre histoire.

Épigones de Césaire, nous déployâmes une écriture engagée, engagée⁴ dans le combat anticolonialiste, mais, en conséquence, engagée aussi hors de toute vérité intérieure, hors de la moindre des esthétiques littéraires. Avec des cris. Avec des haines. Avec des dénonciations. Avec de grandes prophéties et des concepts savants. En ce temps-là hurler fut bon. Être obscur fut signe de profondeur.

Belo, o que de fato, nunca teve como intenção nesse projeto. Na verdade, a força prodigiosa que emanava dela se passava por arte poética. O brilho com que resplandecia, balizando com sinais ofuscantes o espaço das nossas indecisões, desativa toda repetição taumatúrgica em detrimento dos epígonos. De maneira que, mesmo galvanizando nossas energias no canto de fervores inéditos, a Negritude não remediou minimamente nosso distúrbio estético. Talvez seja possível mesmo que, durante algum tempo, agravado nossa instabilidade identitária, nos apontando a síndrome mais pertinente das nossas morbidades: a deportação interior, o mimetismo, o natural do próximo vencido pela fascinação do longínquo, etc., todas figuras da alienação. Terapêutica violenta e paradoxal, a Negritude fez à Europa suceder a ilusão africana. Originalmente, tornada pelo desejo de nos domiciliar no aqui do nosso ser, ela foi, nas primeiras ondas do seu desdobramento marcada de uma maneira exteriorizada: *Exterioridade de aspiração* (a África mãe, África mítica, África impossível), *exterioridade da expressão da revolta* (o Negro com maiúscula, todos os oprimidos da terra), *exterioridade de afirmação de si* (somos Africanos)³. Incontornável momento dialético. Caminho indispensável. Terrível desafio, o de sair para enfim construir uma nova síntese, ela mesma provisória, sob o percurso aberto da História, nossa história.

Épigonos de Césaire, nós desdobramos uma escrita engajada, engajada⁴ no combate anticolonialista, mas, em consequência, engajada também fora de toda verdade interior, fora das menores estéticas literárias. Com gritos. Com ódios. Com denúncias. Com grandes profecias e conceitos sábios. Nesse tempo gritar foi bom. Ser obscuro foi sinal de profundidade. Coisa curiosa, isso foi

Chose curieuse, cela fut nécessaire et nous fut bienfaisant. Nous y tétions comme sous une mamelle de tafia. Cela nous libérait d'un côté, nous enchaînait de l'autre en aggravant notre processus de francisation. Car si, dans cette révolte négriste, nous contestions la colonisation française, ce fut toujours au nom de généralités universelles pensées à l'occidentale et sans nul arc-boutement à notre réalité culturelle⁵. Et pourtant, la Négritude césairienne permit l'émergence de ceux qui allaient nommer l'enveloppe de notre mental antillais : abandonnés dans une impasse, certains durent sauter par-dessus la barrière (comme le fit l'écrivain martiniquais Édouard Glissant), ou demeurer sur place (comme le firent beaucoup) à tourner aux alentours du mot Nègre, à rêver d'un étrange monde noir, à s'alimenter de dénonciations (de la colonisation ou de la Négritude elle-même) qui tournèrent bientôt à vide, dans une écriture véritablement en suspension⁶, hors sol, hors peuple, hors lectorat, hors toute authenticité, sinon de manière incidente, partielle ou accessoire.

Avec Édouard Glissant nous refusâmes de nous enfermer dans la Négritude, épelant l'Antillanité⁷ qui relevait plus de la vision que du concept. Le projet n'était pas seulement d'abandonner les hypnozes d'Europe et d'Afrique. Il fallait aussi garder en éveil la claire conscience des apports de l'une et de l'autre : en leurs spécificités, leurs dosages, leurs équilibres, sans rien oblitérer ni oublier des autres sources, à elles mêlées. Plonger donc le regard dans le chaos de cette humanité nouvelle que nous sommes. *Comprendre ce qu'est l'Antillais*. Percevoir ce que signifie cette civilisation caribéenne encore balbutiante et immobile. Avec Depestre, embrasser cette dimension américaine, notre espace au monde. À la suite de Frantz Fanon,

nécessário e nos foi benéfico. Mamávamos como numa teta de tafiá. Isso nos liberava por um lado, nos acorrentava por outro agravando nosso processo de afrancesamento. Porque se nessa revolta negrista, contestávamos a colonização francesa e foi sempre em nome de generalidades universais pensadas à maneira ocidental e sem nenhum arcobotante à nossa realidade cultural⁵. E no entanto, a Négritude césairiana permitiu a emergência daqueles que iriam nomear o envelope da nossa mentalidade antilhana: abandonados num impasse, alguns tiveram de saltar por cima da barreira (como fez o escritor martinicano Édouard Glissant), ou ficar no lugar (como fizeram muitos) dando voltas em torno da palavra Negro, sonhando com um estranho mundo negro, alimentando-se de denúncias (da colonização ou da própria Négritude) que logo viram vazias, numa escrita verdadeiramente suspensa⁶, longe da terra, longe do povo, longe do leitorado, longe de toda autenticidade, senão de maneira incidente, parcial ou acessória.

Com Édouard Glissant recusamos nos trancar na Négritude, soletrando a Antilhanidade⁷ que pertencia mais da visão do que do conceito. O projeto não era somente abandonar as hipnozes da Europa e da África. Era necessário manter alerta a clara consciência das contribuições de uma e de outra: em suas especificidades, suas dosagens, seus equilíbrios, sem nada oblitérar, nem esquecer das outras fontes entrelaçadas a elas. Mergulhar então o olhar no caos dessa humanidade nova que somos. *Compreender o que é o Antilhano*. Perceber o que significa essa civilização caribenha ainda balbuciante e imóvel. Com Depestre, abraçar essa dimensão americana, nosso espaço no mundo. Depois de Franz Fanon, explorar nosso real em uma

explorer notre réel dans une perspective cathartique. Décomposer ce que nous sommes tout en purifiant ce que nous sommes par l'expose en plein *soleil de la conscience* des mécanismes cachés de notre aliénation. Plonger dans notre singularité, l'investir de manière projective, rejoindre à fond ce que nous sommes... sont des mots d'Édouard Glissant. L'objectif était en vue; pour appréhender cette civilisation antillaise dans son espace américain, il nous fallait sortir des cris, des symboles, des comminations fracassantes, des prophéties déclamatoires, tourner le dos à l'inscription fétichiste dans une universalité régie par les valeurs occidentales, afin d'entrer dans la minutieuse exploration de nous-mêmes, faite de patientes, d'accumulations, de répétitions, de piétinements, d'obstinations, où se mobiliseraient tous les genres littéraires (séparément ou dans la négation de leurs frontières) et le maniement transversal (mais pas forcément savant) de toutes les sciences humaines. Un peu comme en fouilles archéologiques l'espace étant quadrillé, avancer à petites touches de pinceau-brosse afin de ne rien altérer ou perdre de ce nous-mêmes enfoui sous la francisation.

Mais les voies de pénétration dans l'Antillanité n'étant pas balisées, la chose fut plus facile à dire qu'à faire. Nous tournâmes longtemps autour, porteurs du désarroi des chiens embarqués sur une yole. Glissant lui-même ne nous y aidait pas tellement, pris par son propre travail, éloigné par son rythme, persuadé d'écrire pour des lecteurs futurs. Nous restions devant ses textes comme devant des hiéroglyphes, y percevant confusément le frémissement d'une voie, l'oxygène d'une perspective. Soudain, pourtant, avec son roman *Malemort* (par l'alchimie du langage, la structure, l'humour, la thématique, le choix des personnages, le rejet des complaisances) il

perspectiva catártica. Decompor o que nós somos purificando o que nós somos pela exposição em pleno *sol da consciência* dos mecanismos escondidos de nossa alienação. Mergulhar na nossa singularidade, investir de maneira projectiva, abraçar profundamente o que nós somos... são palavras de Édouard Glissant. O objetivo estava à vista; para apreender essa civilização antilhana no seu espaço americano, era-nos necessário sair dos gritos, dos símbolos, das cominações fracassadas, das profecias declamadoras, virar as costas à inscrição feticista em uma universalidade regida pelos valores ocidentais a fim de entrar na minuciosa exploração de nós mesmos, feita de paciência, acumulações, repetições, de insistências, obstinações, onde se mobilizariam todos os gêneros literários (separadamente ou na negação das suas fronteiras) e o manuseio transversal (mas não forçosamente sábio) de todas as ciências humanas. Um pouco como em escavações arqueológicas: o espaço estando esquadrinhado, avançando em pequenos toques de pincel para não alterar ou perder desse nós-mesmos enterrado sob o afrancesamento.

Mas a vias de penetração na Antilhanidade não sendo balizadas, a coisa foi mais fácil falar do que fazer. Demos muitas voltas, portadores da desordem de cães embarcados na iole. O próprio Glissant não nos ajudava muito, nem tanto tomado pelo seu próprio trabalho, distanciado pelo seu ritmo, persuadido de escrever para leitores futuros. Permanecíamos diante de seus textos como se estivéssemos diante de hieróglifos, percebendo neles confusamente o estremecimento de uma via, o oxigênio de uma perspectiva. De repente, no entanto, com o seu romance *Malemort* (pela alquimia da linguagem, a estrutura, o humor, a temática, a

opéra le singulier dévoilement du réel antillais. De son côté, opérant aux premiers bourgeonnements d'une créolistique recentrée sur ses profondeurs natives, l'écrivain haïtien Frankétienne se fit, dans son ouvrage *Dézafi*, le forgeron et l'alchimiste tout à la fois de la nervure centrale de notre authenticité : le créole recréé par et pour l'écriture. En sorte que ce furent *Malemort*⁸ et *Dézafi*⁹ — étonnamment parus dans la même année 1975 — qui, dans leur interaction déflagrante, débloquent pour les nouvelles générations, l'outil premier de cette démarche de se connaître : *la vision intérieure*.

Créer les conditions d'une expression authentique supposait l'exorcisme de la vieille fatalité de l'extériorité. N'avoir sous la paupière que les pupilles de l'Autre invalidait les démarches, les procédés et les procédures les plus justes. Ouvrir les yeux sur soi-même à la manière des régionalistes ne suffisait pas. Porter le regard sur cette culture «*fondal-natal*» afin de ne pas priver notre créativité de son essentiel, à l'instar des indigénistes haïtiens, n'était pas suffisant. Il fallait nous laver les yeux: retourner la vision que nous avons de notre réalité pour en surprendre le vrai. Un regard neuf qui enlèverait notre naturel du secondaire ou de la périphérie afin de le replacer au centre de nous-mêmes. Un peu de ce regard d'enfance, questionneur de tout, qui n'a pas encore ses postulats et qui interroge même les évidences. Ce regard libre se passe d'auto-explications ou de commentaires. Il est sans spectateurs extérieurs. Il émerge d'une projection de l'intime et traite chaque parcelle de notre réalité comme un événement dans la perspective d'en briser la vision traditionnelle, en l'occurrence extérieure et soumise aux envoûtements de l'aliénation... C'est en cela que la vision intérieure est révélatrice, donc

escolha dos personagens, as recusas das complacências) ele operou o singular desvelamento do real antilhano. Do seu lado, operando as primeiras germinações de uma crioulista recentrada nas suas profundezas natives, o escritor haitiano Frankétienne transformou-se, na sua obra *Dézafi*, o ferreiro e o alquimista simultaneamente da nervura central de nossa autenticidade: o crioulo recriado por e para a escrita. De forma que foram *Malemort*⁸ e *Dézafi*⁹ - surpreendentemente publicados no mesmo ano 1975 - que, na sua interação flagrante desbloquearam, para as novas gerações, a ferramenta primeira dessa tentativa de se conhecer: *a visão interior*.

Criar as condições de uma expressão autêntica pressupunha o exorcismo da velha fatalidade da exterioridade. Ter sob as pálpebras somente as pupilas do Outro invalidava as diligências, os processos e os procedimentos mais justos. Abrir os olhos sobre si mesmo à maneira dos regionalistas não bastava. Ter o olhar voltado para essa cultura “*fondal-natal*” afim de não privar nossa criatividade de seu essencial, como os indigenistas haitianos, não era suficiente. Era preciso nos lavar os olhos: retornar a visão que tínhamos da nossa realidade para surpreender o verdadeiro. Um olhar novo que retiraria nosso natural do secundário ou da periferia a fim de recolocar no centro de nós mesmos. Um pouco desse olhar de infância, questionador de tudo, que ainda não tem seus postulados e que interroga até mesmo as evidências. Esse olhar livre não precisa de auto explicações ou de comentários. Sem expectadores exteriores. Ele emerge de uma projeção do íntimo e trata cada parcela da nossa realidade como um evento na perspectiva de quebrar a visão tradicional, em particular, exterior e submissa aos sortilégios da alienação.... É nisso que a visão interior é reveladora, logo

révolutionnaire¹⁰. Réapprendre à visualiser nos profondeurs. Réapprendre à regarder positivement ce qui palpita autour de nous. La vision intérieure défait d'abord la vieille imagerie française qui nous tapisse, et nous restitue à nous-mêmes en une mosaïque renouvelée par l'autonomie de ses éléments, leur imprévisibilité, leurs résonances devenues mystérieuses. C'est un bouleversement intérieur et sacré à la manière de Joyce. C'est dire: une liberté. Mais, tentant vainement de l'exercer, nous nous aperçûmes qu'il ne pouvait pas y avoir de vision intérieure sans une préalable acceptation de soi. On pourrait même dire que la vision intérieure en est la résultante.

La francisation nous a forcés à l'autodénigrement: lot commun des colonisés. Il nous est souvent difficile de distinguer ce qui, en nous, pourrait faire l'objet d'une démarche esthétique. Ce que nous acceptons beau en nous-mêmes c'est le peu que l'autre a déclaré beau. Le noble est généralement ailleurs. L'Universel aussi. Et c'est toujours au grand large que notre expression artistique s'en est allée puiser. Et c'est toujours ce qu'elle rapportait du grand large qui a été retenu, accepté, étudié, car notre idée de l'esthétique fut ailleurs. Que vaut la création d'un artiste qui refuse en bloc son être inexploré? Qui ne sait pas ce qu'il est? Ou qui l'accepte difficilement? Et que vaut la vision du critique qui se trouve englué dans les mêmes conditions? Notre situation a été de porter un regard extérieur sur la réalité de nous-mêmes refusée plus ou moins consciemment. En littérature, mais aussi dans les autres formes de l'expression artistique, nos manières de rire, de chanter, de marcher, de vivre la mort, de juger la vie, de penser la déveine, d'aimer et de parler l'amour, ne furent que mal examinées. Notre imaginaire fut oublié, laissant ce grand désert où la fée Carabosse

revolucionária¹⁰. Reaprender a visualizar nossas profundezas. Reaprender a olhar positivamente o que palpita à nossa volta. A visão interior desfaz primeiro a velha imagem francesa que nos reveste e restitui a nós mesmos em um mosaico renovado pela autonomia de seus elementos, sua imprevisibilidade, suas ressonâncias tornadas misteriosas. É uma perturbação interior e sagrada à maneira de Joyce. Ou seja: uma liberdade. Mas, tentando em vão a exercer, percebemos que não podia haver uma visão interior sem uma prévia aceitação de si. Poderíamos até mesmo dizer que a visão interior é a resultante dela.

O afrancesamento nos forçou ao autodenigramento: destino comum dos colonizados. Nos é, muitas vezes, difícil de distinguir o que, em nós, poderia fazer o objeto de uma abordagem estética. O que achamos belo em nós mesmos é o pouco que o outro declarou belo. O nobre está geralmente alhures. O Universal também. E é sempre bem longe que nossa expressão artística foi buscar inspiração. E é o que ela trazia do distante que foi sempre guardado, aceito, estudado, porque nossa ideia do estético estava alhures. O que vale a criação de um artista que recusa em bloco seu ser inexplorado? Que não sabe o que ele é? Ou que o aceita dificilmente? E o que vale a visão do crítico que se encontra envasado nas mesmas condições? Nossa situação foi a de dirigir um olhar exterior sobre a realidade de nós mesmos refutada mais ou menos conscientemente. Na literatura, mas também nas outras formas de expressão artística, nossas maneiras de rir, de cantar, de caminhar, de viver a morte, julgar a vida, de pensar o azar, de amar e de falar o amor, foram apenas mal examinadas. Nosso imaginário foi esquecido, deixando o grande deserto onde a

assécha Manman Dlo. Notre richesse bilingue refusée se maintint en douleur diglossique. Certaines de nos traditions disparurent sans que personne ne les interroge¹¹ en vue de s'en enrichir, et, même nationalistes, progressistes, indépendantistes, nous tentâmes de mendier l'Universel de la manière la plus incolore et inodore possible, c'est-à-dire dans le refus du fondement même de notre être, fondement qu'aujourd'hui, avec toute la solennité possible, nous déclarons être le vecteur esthétique majeur de la connaissance de nous-mêmes et du monde: *la Créolité*.

LA CRÉOLITÉ

L'Antillanité ne nous est pas accessible sans vision intérieure. Et la vision intérieure n'est rien sans la totale acceptation de notre créolité. Nous nous déclarons Créoles. Nous déclarons que la Créolité¹² est le ciment de notre culture et qu'elle doit régir les fondations de notre antillanité. La Créolité *est l'agrégat interactionnel ou transactionnel*, des éléments culturels caraïbes, européens, africains, asiatiques, et levantins, que le joug de l'Histoire a réunis sur le même sol. Pendant trois siècles, les îles et les pans de continent que ce phénomène a affectés, ont été de véritables forgeries d'une humanité nouvelle, celles où langues, races, religions, coutumes, manières d'être de toutes les faces du monde, se trouvèrent brutalement déterritorialisées, transplantées dans un environnement où elles durent réinventer la vie. Notre créolité est donc née de ce formidable « migan » que l'on a eu trop vite fait de réduire à son seul aspect linguistique¹³ ou à un seul des termes de sa composition. Notre personnalité culturelle porte tout à la fois les stigmates de cet univers et les témoignages de sa négation. Nous nous sommes forgés dans l'acceptation et le refus, donc dans le questionnement permanent, en

fada Carabosse secou Manman Dlo. Nossa riqueza bilíngue refutada se manteve na dor diglósica. Algumas das nossas tradições desapareceram sem que ninguém as questionasse¹¹ com vista a se enriquecer, e, mesmo nacionalistas, progressistas, independentistas, tentamos mendigar o Universal da maneira mais incolor e inodora possível, quer dizer, na recusa do fundamento do nosso ser, fundamento que hoje, com toda a solenidade possível declaramos ser o vetor estético maior do conhecimento de nós mesmos e do mundo: *a Crioulidade*.

A CRIOULIDADE

A Antilhanidade não nos é acessível sem a visão interior. E a visão interior não é nada sem a total aceitação da nossa crioulidade. Nós nos declaramos Crioulos. Declaramos que a Crioulidade¹² é um cimento da nossa cultura e que ela deve reger as fundações de nossa antilhanidade. A Crioulidade *é o agregado interacional ou transaccional* dos elementos culturais caraíbas, europeus, africanos, asiáticos e levantinos que o jugo da História reuniu sobre o mesmo solo. Durante três séculos as ilhas e as parcelas do continente que esse fenômeno afetou foram verdadeiras forjas de uma humanidade nova, essas onde línguas, raças, religiões, costumes, maneiras de ser de todas as faces do mundo, encontravam-se brutalemente desterritorializadas, transplantadas em um ambiente onde tiveram que reinventar a vida. Nossa crioulidade nasceu, portanto, desse formidável “migan” que rapidamente foi reduzido ao seu único aspecto linguístico¹³ ou à um só termo de sua composição. Nossa personalidade cultural carrega ao mesmo tempo os estigmas desse universo e os testemunhos da sua negação. Nós nos forjamos na aceitação e a recusa, por

toute familiarité avec les ambiguïtés les plus complexes, hors de toutes réductions, de toute pureté, de tout appauvrissement. Notre Histoire est une tresse d'histoires. Nous avons goûté à toutes les langues, à toutes les parlures. Craignant cet inconfortable magma, nous avons vainement tenté de le figer dans des ailleurs mythiques (regard extérieur, Afrique, Europe, aujourd'hui encore, Inde ou Amérique), de chercher refuge dans la normalité close des cultures millénaires, sans savoir que nous étions l'anticipation du contact des cultures, du monde futur qui s'annonce déjà. Nous sommes tout à la fois, l'Europe, l'Afrique, nourris d'apports asiatiques, levantins, indiens, et nous relevons aussi des survivances de l'Amérique précolombienne. La Créolité c'est « *le monde diffracté mais recomposé* », un maelström de signifiés dans un seul signifiant : une Totalité. Et nous disons qu'il n'est pas dommageable pour l'instant, de ne pas en avoir une définition. Définir, ici, relèverait de la taxidermie. Cette nouvelle dimension de l'homme, dont nous sommes la silhouette préfigurée, mobilise des notions qui très certainement nous échappent encore. Si bien que, s'agissant de la Créolité dont nous n'avons que l'intuition profonde, la connaissance poétique, et dans le souci de ne fermer aucune voie de ses possibles, nous disons qu'il faut l'aborder comme *une question à vivre*, à vivre obstinément dans chaque lumière et chaque ombre de notre esprit. Vivre une question c'est déjà s'enrichir d'éléments dont la réponse ne dispose pas. Vivre la question de la Créolité, à la fois en totale liberté et en pleine vigilance, c'est enfin pénétrer insensiblement dans les vastitudes inconnues de sa réponse. *Laissons vivre (et vivons!) le rougeoiement de ce magma.*

consequente, no questionamento permanente, em familiaridade com as ambiguidades mais complexas, fora de quaisquer reduções, de toda pureza, de todo empobrecimento. Nossa História é uma trança de histórias. Experimentamos todas as línguas, todos os falares. Temendo esse desconfortável magma, tentamos em vão fixá-lo nos alhures míticos (olhar exterior, África, Europa, hoje ainda, Índia ou América), de procurar refúgio na normalidade fechada das culturas milenares, sem saber que éramos a antecipação do contato das culturas, do mundo futuro que já se anuncia. Somos ao mesmo tempo a Europa, a África, alimentados de contribuições asiáticas, levantinas, indianas, e nos constituímos também das sobrevivências da América pré-colombiana. A Crioulidade é “*o mundo difratado, mas recomposto*”, um turbilhão de significados em um só significante: uma Totalidade. E dizemos que não é lamentável, por enquanto não termos uma definição para ela. Definir, aqui, revelaria da taxidermia. Esta nova dimensão do homem, de que somos a silhueta prefigurada, mobiliza noções que muito certamente nos escapam ainda. Tanto que, tratando-se da Crioulidade, da qual só temos a intuição profunda, o conhecimento poético, e com o cuidado de não fechar nenhuma via de suas possibilidades, dizemos que é preciso abordá-la como *uma questão a viver*, a viver obstinadamente em cada luz e em cada sombra do nosso espírito. Viver uma questão já é enriquecer-se de elementos cuja resposta não está disponível. Viver a questão da Crioulidade em total liberdade e em plena vigilância é enfim penetrar insensivelmente nas vastidões desconhecidas de sua resposta. *Deixemos viver (e vivamos!) a vermelhidão desse magma.*

Du fait de sa mosaïque constitutive, la Créolité est une spécificité ouverte. Elle échappe ainsi aux perceptions qui ne seraient pas elles-mêmes ouvertes. L'exprimer c'est exprimer non une synthèse, pas simplement un métissage, ou n'importe quelle autre unicité. C'est exprimer une totalité kaléidoscopique¹⁴, c'est-à-dire *la conscience non totalitaire d'une diversité préservée*. Nous avons décidé de ne pas résister à ses multiplicités pas plus que ne résiste le jardin créole aux formes des ignames qui l'habitent. Nous vivons ses inconforts comme un mystère à accepter et à élucider, une tâche à accomplir et un édifice à habiter, un ferment pour l'imagination et un défi pour l'imagination. Nous la penserons comme référence centrale et comme déflagration suggestive à organiser esthétiquement. Car elle n'est pas une valeur en soi ; pour être pertinente son expression doit s'engager dans une démarche esthétique achevée. Notre esthétique ne pourra exister (être authentique) sans la Créolité.

La Créolité est une annihilation de la fausse universalité, du monolinguisme et de la pureté. Se trouve en créolité ce qui s'harmonise au *Divers* en direction duquel Victor Segalen eut son formidable élan. La Créolité est notre soupe primitive et notre prolongement, notre chaos originel et notre mangrove de virtualités. Nous penchons vers elle, riches de toutes les erreurs et forts de la nécessité de nous accepter complexes. Car le principe même de notre identité est la complexité. Explorer notre créolité doit s'effectuer dans une pensée aussi complexe que la Créolité elle-même. L'envie d'une clarification à partir de deux-trois lois de la normalité, nous a fait nous considérer à nos propres yeux comme des êtres anormaux. Or, ce qui semblait la tare peut se révéler être

Por causa do seu mosaico constitutivo, a Crioulidade é uma especificidade aberta. Ela escapa assim às percepções que não seriam elas mesmas abertas. Expressá-la é expressar não uma síntese, não simplesmente uma mestiçagem, ou qualquer outra unicidade. É exprimir uma totalidade caleidoscópica¹⁴, isto é, *a consciência não totalitária de uma diversidade preservada*. Decidimos não resistir as suas multiplicidades assim como o jardim crioulo não resiste às formas dos inhames que o habitam. Vivemos seus desconfortos como um mistério a circular e a elucidar, uma tarefa a cumprir e um edifício a habitar, um fermento e um desafio para a imaginação. Nós a pensaremos como referência central e como deflagração sugestiva a organizar esteticamente. Porque ela não é um valor em si; para ser pertinente, sua expressão deve se engajar numa abordagem estética acabada. Nossa estética não poderá existir (ser autêntica) sem a Crioulidade.

A Crioulidade é uma aniquilação da falsa universalidade, do monolinguisismo e da pureza. Se encontra na crioulidade o que se harmoniza com o *Diverso* em direção do qual Victor Segalen teve seu formidável ímpeto. A Crioulidade é nossa sopa primitiva e nosso prolongamento, nosso caos original e nosso manguezal de virtualidades. Nos debruçamos sobre ela, ricos de todos os erros e fortes da necessidade de nos aceitar complexos. Porque o próprio princípio de nossa identidade é a complexidade. Explorar nossa crioulidade deve se efetuar em um pensamento tão complexo quanto a própria Crioulidade. O desejo de uma clarificação a partir de duas-tês leis da normalidade, nos fez nos considerarmos a nossos próprios olhos como seres anormais. Ora, o que parecia tara pode

l'indéfinition du neuf, la richesse du jamais vu. C'est pourquoi il semble que, pour l'instant, *la pleine connaissance de la Créolité sera réservée à l'Art*, à l'Art absolument. Ce sera le préalable de notre affermissement identitaire. Mais il va de soi que la Créolité a vocation à irriguer toutes les nervures de notre réalité pour en devenir peu à peu le principe moteur. Dans des sociétés multiraciales telles que les nôtres, il apparaît urgent que l'on sorte des habituelles distinctions raciologiques et que l'on reprenne l'habitude de désigner l'homme de nos pays sous le seul vocable qui lui convienne, quelle que soit sa complexion: *Créole*. Les relations socio-ethniques au sein de notre société devront désormais s'opérer sous le sceau d'une commune créolité, sans que cela oblitère le moins du monde les rapports ou les affrontements de classe. En littérature, la reconnaissance maintenant unanime, dans nos pays, du poète Saint-John Perse comme l'un des fils les plus prestigieux de la Guadeloupe — et cela, malgré son appartenance à l'ethnoclasse *béké* — correspond assurément à une avancée de la Créolité dans les consciences antillaises. Il y a lieu de s'en réjouir. Pareillement, en architecture, en art culinaire, en peinture¹⁵ en économie (comme les Seychelles nous en fournissent l'exemple), en art vestimentaire, et caetera, les dynamiques de la Créolité acceptée, questionnée, exaltée, nous semblent la voie royale vers l'assomption de nous-mêmes.

Il convient de distinguer Américanité, Antillanité et Créolité, concepts qui, à première vue, pourraient sembler recouvrir les mêmes réalités. Tout d'abord, les processus socio-historiques qui ont produit l'américanisation ne sont pas de la même nature que ceux qui ont été à l'œuvre dans la Créolisation. En effet, l'américanisation, et donc le sentiment d'américanité qui en

se révéler comme a indéfinição do novo, a riqueza do jamais visto. Por isso parece que no momento, *o pleno conhecimento da Crioulidade será reservado à Arte*, à Arte absolutamente. Será o preâmbulo de nossa afirmação identitária. Mas é certo que a Crioulidade tem vocação para irrigar todas as nervuras da nossa realidade, para tornar-se pouco a pouco o seu princípio motor. Nas sociedades multirraciais como as nossas, parece urgente que saíamos das habituais distinçõs raciológicas e que se retome o hábito de designar o homem de nosso país com o único vocábulo que lhe convém, qualquer que seja sua compleição: *Crioulo*. As relações sócio-étnicas no seio da nossa sociedade deverão, doravante, se dar sob o selo de uma crioulidade comum, sem que isso oblitere minimamente as relações ou os confrontos de classe. Na literatura, o reconhecimento agora unânime, em nossos países, do poeta Saint-John Perse como um dos filhos mais prestigiosos de Guadalupe — e isso, apesar do seu pertencimento à etnoclasse *béké* — corresponde seguramente a um avanço da Crioulidade nas consciências antilhanas. Isso é motivo de júbilo. Igualmente, na arquitetura, na arte culinária, na pintura¹⁵, na economia (como as Seychelles nos dão o exemplo), na arte indumentária, etc., as dinâmicas da Crioulidade aceita, questionada, exaltada, parece-nos o caminho real para a assunção de nós mesmos.

Convém distinguir Americanidade, Antilhanidade e Crioulidade, conceitos que à primeira vista, poderiam parecer recobrir as mesmas realidades. Primeiramente, os processos sócio-históricos que produziram a americanização não são da mesma natureza que os que operam na Crioulização. Com efeito, a americanização e, portanto, o sentimento de americanidade que daí decorre

découle à terme, décrit l'adaptation progressive de populations du monde occidental aux réalités naturelles du monde qu'elles baptisèrent nouveau. Et cela, sans interaction profonde avec d'autres cultures. Ainsi les Anglo-Saxons qui formèrent les treize colonies, embryon du futur Etat américain, ont redéployé leur culture dans un nouvel environnement, quasi vierge si l'on tient compte du fait que, parqués dans des réserves, massacrés, les indigènes peaux-rouges n'ont pratiquement pas influencé leur culture originelle. De même, en demeurant relativement fermés aux tribus qui y résidaient, les Noirs Boni et Saramaka des Guyanes se sont américanisés au contact de la forêt amazonienne. De même, les Italiens qui arrivèrent en masse en Argentine au XIX^e siècle, ou les Hindous qui remplacèrent les anciens esclaves noirs sur les plantations de Trinidad ont adapté leur culture originelle à de nouvelles réalités sans pour autant la modifier complètement. *L'Américanité est donc, pour une large part, une culture émigrée*, dans un splendide isolement.

Tout autre est le processus de créolisation, qui n'est pas propre au seul continent américain (ce n'est donc pas un concept géographique) et qui désigne la mise en contact brutale, sur des territoires soit insulaires, soit enclaves, — fussent-ils immenses comme la Guyane et le Brésil — de populations culturellement différentes : aux Petites Antilles, Européens et Africains; aux Mascareignes, Européens, Africains et Indiens; dans certaines régions des Philippines ou à Hawaï, Européens et Asiatiques; à Zanzibar, Arabes et Négro-Africains, etc. Réunis en général au sein d'une économie plantationnaire, *ces Populations sont sommées d'inventer de nouveaux schèmes culturels permettant d'établir une relative cohabitation entre elles*. Ces schèmes résultent du mélange non harmonieux (et non

a prazo, descreve a adaptação progressiva de populações do mundo ocidental às realidades naturais do mundo que elas batizaram de novo. E isso, sem interação profunda com outras culturas. Assim os Anglo-Saxões que formaram as treze colônias, embrião do futuro Estado americano, desdobraram sua cultura em um novo ambiente, quase virgem, se levamos em conta o fato de que, encerrados em reservas, massacrados, os indígenas peles-vermelhas praticamente não influenciaram sua cultura original. Da mesma maneira, ficando relativamente fechados nas tribos que residiam, os Negros Boni e Saramaka das Guianas se americanizaram ao contato da floresta amazônica. Assim também, os italianos que chegaram em massa na Argentina no século XIX, ou os Indus que substituíram os antigos escravos negros nas plantações de Trinidad adaptaram sua cultura original à novas realidades sem, entretanto, modificá-la completamente. *A americanidade é portanto, em grande parte, uma cultura emigrada*, em um esplêndido isolamento

Totalmente outro é o processo de criouliização, que não é somente próprio do continente americano (logo não é um conceito geográfico) e que designa a entrada em contato brutal, em territórios seja insulares, seja encravados, - fossem eles imensos como a Guiana e o Brasil -, de populações culturalmente diferentes: nas Pequenas Antilhas, Europeus e Africanos; nas Mascarenhas, Europeus, Africanos e Índios; em certas regiões das Filipinas ou no Havaí, Europeus e Asiáticos; em Zanzibar, Árabes e Negros-Africanos, etc. Reunidos em geral no seio de uma economia de plantação, *essas populações são intimadas a inventar novos esquemas culturais permitindo estabelecer uma relativa coabitação entre elas*. Esses esquemas resultam da mistura não

achevé et donc non réducteur) des pratiques linguistiques, religieuses, culturelles, culinaires, architecturales, médicinales, etc., des différents peuples en présence. Bien entendu, il existe des créolisations plus ou moins intenses suivant que tous les peuples en présence sont exogènes comme aux Antilles ou aux Mascareignes, ou selon que l'un d'entre eux est autochtone comme aux îles du Cap-Vert ou à Hawaï. La Créolité est donc le fait d'appartenir à une entité humaine originale qui à terme se dégage de ces processus. Il existe donc une créolité antillaise, une créolité guyanaise, une créolité brésilienne, une créolité africaine, une créolité asiatique et une créolité polynésienne, assez dissemblables entre elles mais issues de la matrice du même maelström historique. La Créolité englobe et parachève donc l'Américanité puisqu'elle implique le double processus :

— *d'adaptation des Européens, des Africains et des Asiatiques au Nouveau Monde ;*

— *de confrontation culturelle entre ces peuples au sein d'un même espace, aboutissant à la création d'une culture syncrétique dite créole.*

Il n'existe évidemment pas une frontière étanche entre les zones de créolité et celles d'américanité. Au sein d'un même pays, elles peuvent se juxtaposer ou s'interpénétrer : ainsi aux U.S.A., la Louisiane et le Mississippi sont en grande partie créoles, tandis que la Nouvelle Angleterre, où ne vivent au départ que des Anglo-Saxons, n'est qu'américaine. Toutefois, après l'abolition de l'esclavage et la montée des Noirs dans le Nord, puis l'arrivée d'Italiens, de Grecs, de Chinois et de Portoricains, tout au long du vingtième siècle, on peut légitimement penser que les conditions sont réunies pour qu'un processus de créolisation soit

harmoniosa (e não acabada e, portanto, não redutora) de práticas linguísticas, religiosas, culturais, culinárias, arquiteturais, medicinais, etc., de diferentes povos em presença. Claro, existem crioulizações mais ou menos intensas, consoante que todos os povos em presença são exógenos como nas Antilhas ou nas Mascarenhas, ou que um deles seja autóctone como nas ilhas de Cabo Verde ou no Havaí. A criouldade é, portanto, o fato de pertencer a uma entidade humana original que a termo emerge desses processos. Existe então uma criouldade antilhana, uma criouldade guianense, uma criouldade brasileira, uma criouldade africana, uma criouldade asiática e uma criouldade polinésia, bastante dessemelhantes entre elas, mas oriundas da matriz do mesmo turbilhão histórico. A Criouldade engloba e encerra, portanto, a Americanidade uma vez que ela implica o duplo processo:

- *de adaptação dos Europeus, dos Africanos e dos Asiáticos no Novo Mundo;*

- *de confrontação cultural entre esses povos no seio de um mesmo espaço, chegando à criação de uma cultura sincrética dita crioula.*

Não existe evidentemente uma fronteira estanque entre as zonas de criouldade e as de americanidade. No seio de um mesmo país, elas podem se justapor ou se interpenetrar: assim nos U.S.A., a Luisiana e o Mississippi são em grande parte crioulos, enquanto que a Nova-Inglaterra, onde no início só vivem Anglo-Saxões é apenas americana. Todavia, após a abolição da escravidão e a ida dos Negros para o Norte e depois com a chegada dos italianos, dos gregos, dos chineses e porto-riquenhos ao longo do século vinte, podemos legitimamente pensar que as condições estão reunidas para que um

actuellement à l'œuvre en Nouvelle-Angleterre.

Créolité et Américanité ainsi distinguées, qu'en est-il du rapport de l'*Anlillanité* et de la *Créolité*. L'Antillanité désigne, à nos yeux, le seul processus d'américanisation d'Européens, d'Africains et d'Asiatiques à travers l'Archipel antillais. De ce fait, elle est, pour ainsi dire, une province de l'Américanité à l'instar de la Canadianité ou de l'Argentinité. Elle omet, en effet, qu'il y ait eu dans certaines îles, en plus de la simple américanisation, un phénomène de créolisation (et donc de créolité). Par exemple, des zones entières du Nord de Cuba n'ont connu qu'une américanisation des colons andalous, galiciens ou canariens, sans créolisation aucune. Dans certaines régions cannières de Trinidad, la culture hindouiste s'est simplement adaptée à un environnement neuf sans vraiment se créoliser, contrairement au *bondyékouli* des Petites Antilles, lequel est un culte créole à soubassement hindouiste. Le concept d'Antillanité nous semble donc d'abord géopolitique. Dire « antillais » ne révèle rien de la situation humaine des Martiniquais, des Guadeloupéens, ou des Haïtiens. Les Créoles que nous sommes sont aussi proches, sinon plus proches, anthropologiquement parlant, des Seychellois, des Mauriciens ou des Réunionnais que des Portoricains ou des Cubains. A l'inverse, il n'y a que relativement peu de choses en commun entre un Seychellois et un Cubain. Nous, Antillais créoles, sommes donc porteurs d'une double solidarité :

- *d'une solidarité antillaise (géopolitique) avec tous les peuples de notre Archipel, quelles que soient nos différences culturelles: notre Antillanité;*

processo de crioulização esteja atualmente em curso na Nova-Inglaterra.

Crioulidade e Americanidade assim distinguidas, é feito da relação da *Antilhanidade* e da *Crioulidade*. A Antilhanidade designa, aos nossos olhos, somente o processo de americanização de Europeus, de Africanos e de Asiáticos através do arquipélago antilhano. Por essa razão, ela é, por assim dizer, uma província da Americanidade a exemplo da Canadianidade ou da Argentinidade. Ela omite, de fato, que tinha tido, em certas ilhas, além da simples americanização, um fenômeno de crioulização (e, portanto, de crioulidade). Por exemplo, zonas inteiras do Norte de Cuba só conheceram uma americanização de colonos andaluzes, galegos ou canarianos, sem nenhuma crioulização. Em certas regiões canavieiras de Trinidad, a cultura hinduísta simplesmente se adaptou a um contexto novo sem se crioulizar verdadeiramente, contrariamente ao *bondyékouli* das Pequenas Antilhas, que é um culto crioulo de base hinduísta. O conceito de Antilhanidade logo nos parece primeiramente geopolítico. Dizer “antilhano” não revela nada da situação humana dos Martinicanos, dos Guadalupenses, ou dos Haitianos. Os Crioulos que somos são tão próximos, senão mais próximos, antropologicamente falando, dos Seichelenses, dos Mauricianos ou dos Reunionenses que dos Porto-riquenhos ou dos Cubanos. Ao contrário, há relativamente apenas poucas coisas em comum entre um Seichelense e um Cubano. Nós, Antilhanos crioulos, somos, portanto, portadores de uma dupla solidariedade:

- *de uma solidariedade antilhana (geopolítica) com todos os povos de nosso Arquipélago, quaisquer que sejam nossas diferenças culturais: Nossa Antilhanidade;*

- *d'une solidarité créole avec tous les peuples africains, mascarins, asiatiques et Polynésiens qui relèvent des mêmes anthropologiques que nous : notre créolité.*

La vision intérieure accordée à la pleine acceptation de notre créolité (comme vitalité même de notre créativité) doit irriguer et renforcer de manière toute nouvelle les exigences transitoires définies par Glissant pour l'expression littéraire de l'Antillanité :

1. L'enracinement dans l'oral

Notre culture créole s'est forgée dans le système des plantations, à travers d'une dynamique questionnante d'acceptations et de refus, de démissions et d'assomptions. Véritable galaxie en formation autour de la langue créole comme noyau, la Créolité¹⁶ connaît aujourd'hui encore un mode privilégié : l'oralité. Pourvoyeuse de contes, proverbes, « titim », comptines, chansons..., etc., l'oralité est notre intelligence, elle est notre lecture de monde, le tâtonnement, aveugle encore, de notre complexité. L'oralité créole, même contrariée dans son expression esthétique, recèle un système de contrevaleurs, une contre-culture¹⁷; elle porte témoignage du génie ordinaire appliqué à la résistance, dévoué à la survie. Après l'effondrement du système des plantations (crises sucrières, abolitions de l'esclavage..., etc.), après les déstructurations, restructurations, conversions et reconversions de toutes sortes qui en ont découlé (assimilation, départementalisation) cette force orale s'est retrouvée tournant à vide, inutile à la promotion sociale, à l'existence citoyenne. Seule la Francité (adoption conjointe de la langue française et de ses valeurs) nommait l'Homme, dans une société en pleine dérive identitaire. L'oralité alors commença son enlisement dans notre

- *de uma solidariedade crioula com todos os povos africanos, mascarenhos, asiáticos e polinésios que partilham das mesmas afinidades antropológicas que nós: nossa Crioulidade.*

A visão interior concedida a plena aceitação da nossa criouidade (como vitalidade própria da nossa criatividade) deve irrigar e reforçar de maneira completamente nova as exigências transitórias definidas por Glissant para a expressão literária da Antilhanidade:

1. O enraizamento no oral

Nossa cultura crioula foi forjada em um sistema de plantações, através de uma dinâmica questionadora de aceitações e de recusas, de demissões e de assunções. Verdadeira galáxia em formação em torno da língua crioula como núcleo, a Crioulidade¹⁶ conhece ainda hoje, um modo privilegiado: a oralidade. Fornecedora de contos, provérbios, “titim”, cantigas, canções..., etc., a oralidade é a nossa inteligência, ela é nossa leitura de mundo, o balbucio, ainda cego, de nossa complexidade. A oralidade crioula, mesmo contrariada na sua expressão estética, apresenta um sistema de contra valores, uma contra-cultura¹⁷; ela apresenta o testemunho do gênio ordinário aplicado à resistência, dedicado à sobrevivência. Após o desmoronamento do sistema de plantações (crise açucareira, abolições da escravidão..., etc.), após a desestruturação, reestruturação, conversão e reconversão de todas as maneiras que assolaram (assimilação, departamentalização) essa força oral encontrada girando no vazio, inútil à promoção social, à existência cidadã. Somente a Francidade (adoção conjunta da língua francesa e de seus valores) nomeou o Homem, em uma sociedade em plena deriva identitária. A oralidade então começou seu

inconscient collectif (comme en une souterraine transhumance) mais laissant çà et là émerger à l'air libre les fragments éparés de son relief discontinué. Le déchiffrement laborieux de son paysage déroutant donna alors lieu à un système de valeurs tout à la fois compensatoire et conjuratoire: folklorisme et doudouisme devenaient les chefs d'accusation des nouveaux procureurs de la Culture authentique. Le terrorisme ordinaire soutenait alors le théorisme distingué, tous deux impuissants à sauver de l'oubli la moindre chansonnette. Ainsi allait notre monde, confit en dévotion intellectualiste, complètement coupé des racines de notre oralité. Si bien qu'aucun de nos écrivains n'était armé ainsi que l'indique Glissant¹⁸, pour prendre le relais de la créolité renfermée dans l'abysse de notre parole ancestrale, tous englués, à des degrés divers, dans l'obsession d'une transfiguration métamorphique du réel : le Grand Soir de la Culture, parée aux couleurs du progrès, de la civilisation, du développement. Après nos conteurs traditionnels, ce fut donc une manière de silence : la voie morte. Ailleurs, les aèdes, les bardes, les griots, les ménestrels et les troubadours avaient passé le relais à des scripteurs (*marqueurs de parole*) qui progressivement prirent leur autonomie littéraire. Ici, ce fut la rupture, le fossé, la ravine profonde entre une expression écrite qui se voulait universal-moderne et l'oralité créole traditionnelle où sommeille une belle part de notre être. Cette non-intégration de la tradition orale fut l'une des formes et l'une des dimensions de notre aliénation. Sans le riche terreau qui aurait pu constituer un apport à une littérature, enfin souveraine, la rapprocher de ses lecteurs potentiels, notre écriture (contrairement à la pratique théâtrale de Henri Melon, Arthur Lérus, Joby Bernabé, Elie Stephenson, Roland Brival, Roger Robinel, José Alpha, Vincent Placol... qui

afundamento em nosso inconsciente coletivo (como em uma transumância subterrânea), mas deixando aqui e ali emergir ao ar livre os fragmentos dispersos do seu relevo descontínuo. A decifração laboriosa da sua paisagem desconcertante deu então lugar a um sistema de valores, ao mesmo tempo, compensatório e conjurado: folclorismo e duduismo se tornaram os líderes da acusação dos novos procuradores da Cultura autêntica. O terrorismo ordinário sustentava então o teorismo distinguido, todos os dois impotentes para salvar do esquecimento a menor cançãozinha. Assim ia nosso mundo, cristalizado em devoção intelectualista, completamente cortado as raízes da nossa oralidade. Se bem que nenhum dos nossos escritores estava armado como o indica Glissant¹⁸, para assumir a criouliidade fechada no abismo da nossa palavra ancestral, todos estagnados, em degraus diversos, na obsessão de uma transfiguração metamórfica do real: A Grande Noite da Cultura, ornados com as cores do progresso, da civilização, do desenvolvimento. Depois dos nossos contadores tradicionais, foi então uma forma de silêncio: a via morta. Alhures, os aedos, os bardos, os griôs, os menestrelis e os trovadores tinham passado o bastão aos escritores (*marcadores de palavra*) que progressivamente tomaram sua autonomia literária. Aqui, foi a ruptura, o fosso, a voçoroca profunda entre uma expressão escrita que se queria universal-moderna e a oralidade crioula tradicional onde dorme uma bela parte do nosso ser. Esta não-integração da tradição oral foi uma das formas e uma das dimensões da nossa alienação. Sem o rico terreno que teria podido constituir um suplemento a uma literatura, enfim soberana, o aproximar das suas leituras potenciais, nossa escrita (contrariamente à prática teatral de Henri Melon, Arthur Lérus, Joby Bernabé,

surent à bien des égards s'enrichir de l'oralité) demeura en suspension. D'où l'instabilité dénomminative de la production écrite de nos pays: *littérature afro-antillaise, négro-antillaise, franco-antillaise, antillaise d'expression française, francophone des Antilles...*, etc., tous qualificatifs que nous déclarons désormais inopérants.

Il y eut, par bonheur, d'insignifiants reproducteurs de gestes incompris, de modestes cultivateurs de souvenirs inutiles, il y eut d'obscurs metteurs en scène d'une culture commercialisée pour touristes plus curieux que nous de nous-mêmes, il y eut de plats épigones d'une parole ressassée, de naïfs promoteurs d'un carnaval galvaudé, de besogneux mercantis d'un zouk aux stridences assourdissantes. Rarement ils échappèrent à l'assertion — proclamée ou susurrée — de doudouisme et de folklorisme. Mais ce furent eux, en définitive, les indispensables maillons qui contribuèrent à préserver la Créolité du destin glorieux mais définitif des Atlantides. D'eux, nous avons appris que la culture est une sustentation et une pesée quotidienne ; que les ancêtres naissent tous les jours et qu'ils ne sont pas figés dans un passé immémorial ; que la tradition chaque jour s'élabore et que la culture est aussi le lien vivant que nous devons nouer entre le passé et le présent; que prendre le relais de la tradition orale ne doit pas s'envisager sur un mode passéiste de nostalgique stagnation, de virées en arrière. Y retourner, oui, pour d'abord rétablir cette continuité culturelle (associée à la continuité historique restaurée) sans laquelle l'identité collective a du mal à s'affirmer. Y retourner, oui, pour en enrichir notre énonciation¹⁹, l'intégrer pour la dépasser. Y retourner, tout

Elie Stephenson, Roland Brival, Roger Robinel, José Alpha, Vincent Placol...que certainement em muitos aspectos, se enriquecer de oralidade) permanece em suspensão. De onde a instabilidade denominativa da produção escrita de nossos países: *literatura afro-antilhana, negro-antilhana, franco-antilhana, antilhana de expressão francesa, francófona das Antilhas...*, etc., todos qualificativos que nós declaramos doravante inoperantes.

Houve, por sorte, insignificantes reprodutores de gestos incompreendidos, modestos cultivadores de lembranças inúteis, houve obscuros diretores de uma cultura comercializada por turistas mais curiosos que nós sobre nós mesmos, houve pratos epígonos de uma palavra repisada, ingênuos promotores de um carnaval depreciado, ineficazes mercantis de um zouk a estridências ensurdecedoras. Raramente eles escaparam à asserção – proclamada e sussurrada – de duduismos e folclorismos. Mas foram eles, em definitivo, indispensáveis elos que contribuíram para preservar a Crioulidade do destino glorioso, mas definitivo das Atlântidas. Deles, nós aprendemos que a cultura é uma sustentação e uma pesagem cotidiana; que os ancestrais nascem todos os dias e que eles não são fixados em um passado imemorial; que a tradição cada dia se elabora e que a cultura é também a ligação viva que nós devemos atar entre o passado e o presente; que assumir o papel da tradição oral, não deve ser visto sob um modo passadista de nostálgica estagnação, voltadas para trás. E retornar, sim, para primeiro restaurar essa continuidade cultural (associada à continuidade histórica restaurada) sem a qual a identidade coletiva sofre para se afirmar. E retornar, sim, para enriquecer nossa enunciação¹⁹, integrá-la para

simplement, afin d'investir l'expression primordiale de notre génie populaire. Sachant cela, nous pourrions alors récolter en une moisson nouvelle les fruits de semences inédites. Nous pourrions à travers le mariage de nos sens aiguisés procéder à l'insémination de la parole créole dans l'écrit neuf. Bref, nous fabriquerons une littérature qui ne déroge en rien aux exigences modernes de l'écrit tout en s'enracinant dans les configurations traditionnelles de notre oralité.

2. *La mise à jour de la mémoire vraie*

Notre Histoire (ou plus exactement nos histoires)²⁰ est naufragée dans l'Histoire coloniale. La mémoire collective est notre urgence. Ce que nous croyons être l'histoire antillaise n'est que l'Histoire de la colonisation des Antilles. Dessous les ondes de choc de l'histoire de France, dessous les grandes dates d'arrivée et de départ des gouverneurs, dessous les aléas des luttes coloniales, dessous les belles pages blanches de la Chronique (où les flambées de nos révoltes n'apparaissent qu'en petites taches), il y eut le cheminement obstiné de nous-mêmes. L'opaque résistance des nègres marrons bandés dans leur refus. L'héroïsme neuf de ceux qui affrontèrent l'enfer esclavagiste, déployant d'obscurs codes de survie, d'indéchiffrables qualités de résistance, la variété illisible des compromis, les synthèses inattendues de vie. Ils quittèrent les champs pour les bourgs, se répandirent dans la société coloniale jusqu'à en épaissir en tout point la consistance, jusqu'à donner aujourd'hui ce que nous sommes. Cela s'est fait sans témoins, ou plutôt sans témoignages, nous laissant un peu dans la situation de la fleur qui ne verrait pas sa tige, qui ne la sentirait pas. Et l'histoire de la colonisation que nous avons prise pour la nôtre a aggravé

ultrapassá-la. E retornar, simplesmente, a fim de investir a expressão primordial do nosso gênio popular. Sabendo isso, nós poderemos então colher em uma safra nova os frutos inéditos da sementeira. Poderemos através do casamento dos nossos sentidos aguçados proceder com a inseminação da palavra crioula na nova escrita. Em suma, nós fabricaremos uma literatura que não derroga em nada às exigências modernas da escrita se enraizando nas configurações tradicionais da nossa oralidade.

2. *A atualização da memória verdadeira*

Nossa História (ou mais exatamente nossas histórias)²⁰ naufragou na História colonial. A memória coletiva é nossa urgência. O que acreditamos ser a história antilhana é apenas a História da colonização das Antilhas. Por baixo, das ondas de choque da história da França, abaixo das grandes datas de chegada e partida dos governantes, abaixo aos acasos das lutas coloniais, abaixo das belas páginas brancas da Crônica (onde as chamas das nossas revoltas aparecem apenas em pequenas manchas), houve o andamento obstinado de nós mesmos. A opaca resistência dos negros marrons vendados nas suas recusas. O heroísmo novo dos que afrontaram o inferno escravagista, despregando da obscuridade códigos de sobrevivência, de indecifráveis qualidades de resistência, a variedade ilegível dos compromissos, as sínteses inesperadas de vida. Eles deixaram os campos pelos burgos, se espalharam na sociedade colonial até engrossar em todos os pontos a consistência, até resultar hoje o que nós somos. Isso aconteceu sem testemunhas, ou ainda, sem depoimentos, deixando-nos um pouco na situação da flor que não veria o seu caule, não o sentiria. E a história da colonização que nós tomamos como nossa agravou nossa perda,

notre déperdition, notre autodénigrement, favorisé l'extériorité, nourri la dérade du présent. Dedans cette fausse mémoire nous n'avions pour mémoire qu'un lot d'obscurités. Un sentiment de chair discontinué. Les paysages, rappelle Glissant²¹ sont les seuls à inscrire, à leur façon non anthropomorphe, un peu de notre tragédie, de notre vouloir exister. Si bien que notre histoire (ou nos histoires) n'est pas totalement accessible aux historiens. Leur méthodologie ne leur donne accès qu'à la Chronique coloniale. Notre Chronique est dessous les dates, dessous les faits répertoriés: *nous sommes Paroles sous l'écriture*. Seule la connaissance poétique, la connaissance romanesque, la connaissance littéraire, bref, la connaissance artistique, pourra nous déceler, nous percevoir, nous ramener évanescents aux réanimations de la conscience²². Appliquée à nos histoires (à cette mémoire-sable voltigée dans le paysage, dans la terre, dans des fragments de cerveaux de vieux-nègres, tout en richesse émotionnelle, en sensations, en intuitions...) la vision intérieure et l'acceptation de notre créolité nous permettront d'investir *ces zones impénétrables du silence où le cri s'est dilué*²³. C'est en cela que notre littérature nous restituera à la durée²⁴, à l'espace-temps continu, c'est en cela qu'elle s'émouvra de son passé et qu'elle sera historique.

3. *La thématique de l'existence*

Ici, nous ne nous imaginons pas hors du monde, en banlieue de l'Univers. Notre ancrage dans cette terre n'est pas une plongée dans un fond sans pardon. Notre vision intérieure exercée, notre créolité mise comme centre de créativité, nous permet de réexaminer notre existence, d'y voir les mécanismes de l'aliénation, d'en percevoir

nosso autodenigramento, favorecendo a exterioridade, alimentando a deriva do presente. Dentro dessa falsa memória, nós tínhamos como memória apenas um lote de obscuridades. Um sentimento de carne descontinuada. As paisagens, lembra Glissant²¹, são as únicas a inscrever, a sua maneira não antropomorfa, um pouco da nossa tragédia, do nosso querer existir. Se bem que nossa história (ou nossas histórias) não é totalmente acessível aos historiadores. Suas metodologias dão a eles apenas o acesso a Crônica colonial. Nossa Crônica está abaixo das datas, abaixo dos fatos listados:

nós somos Palavras sob a escrita. Somente o conhecimento poético, o conhecimento romanesco, o conhecimento literário, em suma, o conhecimento artístico, poderá nos desvendar, nos perceber, nos reconduzir evanescentes às reanimações da consciência²². Aplicadas às nossas histórias (a essa memória-areia bordejada na paisagem, na terra, nos fragmentos dos cérebros dos velhos-negros, todos em riqueza emocional, em sensações, em intuições...) a visão interior e a aceitação da nossa crioullidade nos permitirá investir *nessas zonas impenetráveis do silêncio onde o grito é diluído*²³. É nisso que nossa literatura nos restituirá permanentemente²⁴, no espaço-tempo contínuo, é assim que ela se emocionará do seu passado e ela será histórica.

3. *A temática da existência*

Aqui, nós não nós imaginamos fora do mundo, na periferia do Universo. Nossa ancoragem nessa terra não é um mergulho num fundo sem perdão. Nossa visão interior exercida, nossa crioullidade colocada como centro da criatividade nos permite reexaminar nossa existência, nos permite ver os mecanismos da alienação, de perceber,

surtout les beautés. L'écrivain est un renifleur d'existence²⁵. Plus que tout autre, il a pour vocation d'identifier ce qui, dans notre quotidien, détermine les comportements et structure l'imaginaire. Voir notre existence c'est nous voir en situation dans notre histoire, dans notre quotidien, dans notre réel. C'est aussi voir nos virtualités. En nous éjectant du confortable regard de l'Autre, la vision intérieure nous renvoie à la sollicitation de notre originel chaos. Elle nous verse alors dans la question permanente, dans le doute, et dans l'ambiguïté. Par cette vision, nous revenons au magma qui nous caractérise. Elle nous libère aussi du militantisme littéraire anticolonialiste²⁶ si bien que, nous regardant ce n'est plus en projet d'une idéologie à appliquer, n'est plus en vertu d'une vérité apodictique, d'une table de lois en dix commandements, ce n'est plus en rejet des doudouistes, des régionalistes ou de la Négritude (rejet sur lequel beaucoup ont bâti leur existence littéraire) mais dans le seul désir de nous connaître nous-mêmes, dans nos tares, dans nos écorces et dans nos pulpes, en rêche nudité. À la lumière de cette liberté, revisiter et réévaluer toute notre production écrite. Et cela, non pas tant afin d'être la voix de ceux qui n'ont pan de voix, que de parachever la voix collective qui tonne sans écoute dans notre être d'en participer lucidement et de l'écouter jusqu'à l'inévitable cristallisation d'une conscience commune. Trop longtemps, notre écriture a négligé cette tâche fondamentale, ou l'a traitée sur le mode aliénant de l'extériorité. La littérature créole à laquelle nous travaillons pose comme principe qu'il n'existe rien dans notre monde qui soit petit, pauvre, inutile, vulgaire, inapte à enrichir un projet littéraire. *Nous faisons corps avec notre monde*. Nous voulons, en vraie créolité, y nommer chaque chose et dire qu'elle est belle. Voir la grandeur humaine des

sobretudo, as belezas. O escritor é um farejador da existência²⁵. Mais do que qualquer coisa, ele tem por vocação identificar o que, no nosso cotidiano, determina os comportamentos e estrutura o imaginário. Ver nossa existência é nos ver em situação na nossa história, no nosso cotidiano, no nosso real. É também ver nossas virtualidades. Ejetando-nos do confortável olhar do Outro, a visão interior nos envia à sollicitação do nosso caos original. Ela nos coloca então na questão permanente, na dúvida, e na ambiguidade. Por essa visão, nós retornamos ao magma que nos caracteriza. Ela nos libera também do militarismo literário anticolonialista²⁶ se bem que, nos observando, não é mais em projeto de uma ideologia a aplicar, não é mais em virtude de uma verdade apodítica, de uma mesa de leis em dez mandamentos, não é mais em rejeição dos duduistas, dos regionalistas ou da Négritude (rejeição sob a qual muitos batizaram sua existência literária), mas o único desejo de conhecer a nós mesmos, nas nossas tares, nas nossas cascas e nas nossas polpas, na áspera nudez. À luz dessa liberdade, revisitar e reavaliar toda a nossa produção escrita. E isso, não tanto para ser a voz daqueles que não tem voz, mas para aperfeiçoar a voz coletiva que troveja sem escutar nosso ser, de participar lucidamente e escutá-la até a inevitável cristalização de uma consciência comum. Por demasiado tempo, nossa escrita negligenciou essa marca fundamental, ou a tratou sob o modo alienante da exterioridade. A literatura crioula a qual nós trabalhamos coloca como princípio que não existe nada no nosso mundo que seja pequeno, pobre, inútil, vulgar, inapto a enriquecer um projeto literário. *Nós fazemos corpos com nosso mundo*. Nós queremos, na criouldade verdadeira, nomear cada coisa e dizer que ela é bela. Ver a grandeza humana

djobeurs. Saisir l'épaisseur de la vie du Morne Pichevin. Comprendre les marchés aux légumes. Elucider le fonctionnement des conteurs. Réadmettre sans jugement nos « *dorlis* », nos « *zombis* », nos « *chouval-twa-pat* », « *soukliyan* ». Prendre langue avec nos bourgs, nos villes. Explorer nos origines amérindiennes, indiennes, chinoises et levantines, trouver leurs palpitations dans les battements de nos cœurs. Entrer dans nos pitts, dans nos jeux de « *grenndé* », dans toutes ces affaires de vieux-nègres à priori vulgaires. C'est par ce systématisme que se renforcera la liberté de notre regard.

Notre écriture doit accepter sans partage nos croyances populaires, nos pratiques magico-religieuses, notre réalisme merveilleux, les rituels liés aux « *milan* », aux phénomènes du « *majò* », aux joutes de « *ladja* », aux « *koudmen* ». Écouter notre musique et goûter à notre cuisine. Chercher comment nous vivons l'amour, la haine, la mort, l'esprit que nous avons de la mélancolie, notre façon dans la joie ou la tristesse, dans l'inquiétude et dans l'audace. Chercher nos vérités. Affirmer que l'une des missions de cette écriture est de donner à voir les héros insignifiants, les héros anonymes, les oubliés de la Chronique coloniale ceux qui ont mené une résistance toute en détours et en patiences, et qui ne correspondent en rien à l'imagerie du héros occidental-français. Il ne s'agit point de décrire ces réalités sous le mode ethnographique, ni de pratiquer le recensement des pratiques créoles à la manière des Régionalistes et des Indigénistes haïtiens, mais bien *de montrer ce qui, au travers d'elles, témoigne à la fois de la Créolilé et de l'humaine condition*. Vivre, revivre, faire vivre tout cela intensément, frissonner aux frissons, palpiter là où cela palpité, arpenter notre géographie interne afin

dos *djobeurs*. Aprender a espessura da vida do Morne Pichevin. Compreender os mercados de legumes. Elucidar o funcionamento dos contistas. Readmitir sem julgamento nossos “*dorlis*”, nossos “*zombis*”, nossos “*chouval-twa-pat*”, “*soukliyan*”. Conectar a língua com nossos burgos, nossas cidades. Explorar nossas origens ameríndias, indianas, chinesas e levantinas, encontrar suas palpitações nos batimentos dos nossos corações. Entrar nos nossos “*pitts*”, nos nossos jogos de “*grenndé*”, em todas essas coisas de velho-negro, a priori, vulgares. É por essa sistematização que se reforçará a liberdade do nosso olhar.

Nossa escrita deve aceitar sem dividir nossas crenças populares, nossas práticas mágico-religiosas, nosso realismo maravilhoso, os rituais ligados ao “*milan*”, aos fenômenos do “*majò*”, aos duelos de “*ladja*”, aos “*koudmen*”. Escutar nossa música e provar nossa cozinha. Procurar como nós vivemos o amor, o ódio, a morte, o espírito que temos da melancolia, nosso jeito na alegria ou na tristeza, na inquietude e na audácia. Procurar nossas verdades. Afirmer que uma das missões dessa escrita é dar voz aos heróis insignificantes, os heróis anônimos, os esquecidos da Crônica colonial, aqueles que conduziram uma resistência enquanto desvios e paciências, e que não correspondem em nada ao imaginário dos heróis ocidental-franceses. Não diz respeito a descrever suas realidades sob o mundo etnográfico, nem de praticar o ressentimento das práticas crioulas à maneira dos Regionalistas e dos Indigenistas haitianos, mas sim *mostrar o que, através delas, testemunho ao mesmo tempo da Crioulidade e da humana condição*. Viver, reviver, fazer viver tudo isso intensamente, arrepiar com os arrepios, palpitar onde isso palpita, agrimensar nossa geografia interna afim de melhor perceber e melhor compreende-la. E

de la mieux percevoir et de la mieux comprendre. Et nous récusons les dérives de localisme ou de nombrilisme que certains semblent y distinguer. Il ne peut exister une véritable ouverture sur le monde sans une appréhension préalable et absolue de ce qui nous constitue. Notre monde, aussi petit soit-il, est vaste dans notre esprit, inépuisable dans notre cœur, et pour nous, il témoignera toujours de l'homme. La vieille carapace du dénigrement de nous-mêmes se verra fissurée : *Oh, géolière de notre créativité, le regard neuf te regarde ! C'est d'une descente en soi-même qu'il s'agit, mais sans l'Autre, sans la logique aliénante de son prisme. Et là, il faut le reconnaître, nous sommes sans repères, sans certitudes, sans critères d'esthétique, rien qu'avec la jouvence de notre regard, l'intuition de notre créolité qui doit à tout moment s'inventer chaque prise. Notre littérature doit aller en elle-même et ne rencontrer, durant le temps de son affermissement, personne, nous voulons dire : aucun déport culturel.*

4. *L'irruption dans la modernité*

Malgré notre extrême jeunesse, nous n'avons pas le temps de vivre les volutes d'une tranquille évolution. Il nous faut être présent dans un monde contemporain qui va vite. Assumer l'ordre et l'aventure, aurait dit Apollinaire. L'ordre serait, ici, ce qui concourt au développement de notre conscience identitaire, à l'épanouissement de notre nation, à l'émergence de nos arts et de notre littérature : problématiques qui ne sont plus de ce siècle mais que nous devons nécessairement régler. L'aventure, elle, symboliserait le monde moderne et ses avancées contemporaines desquelles il n'est pas souhaitable de s'exclure sous prétexte d'avoir à ranger l'intérieur de soi-même. Les pays sous-développés, ou mal développés, se voient acculés aujourd'hui à cette acrobatie.

nós recusamos as derivas de localismo ou de egocentrismo que alguns parecem fazer distinção. Não pode existir uma verdadeira abertura sobre o mundo sem uma apreciação previa e absoluta do que nos constitui. Nosso mundo, seja ele também pequeno é vasto no nosso espírito, inesgotável no nosso coração, e para nós, ele testemunhará sempre o homem. A velha carapaça da depreciação de nós-mesmos se verá fissurada: *Oh, carcereiro da nossa criatividade, o novo olhar te olha!* É de uma descida em si mesma que isso diz respeito, mas sem o Outro, sem a lógica alienante do seu prisma. E aqui, é preciso reconhecer, nós estamos sem referência, sem certezas, sem critérios de estética, nada além da juventude do nosso olhar, a intuição da nossa crioulidade que deve a todo o momento se inventar a cada passo. Nossa literatura deve ir nela mesma não reencontrar, durante o tempo do seu fortalecimento, ninguém, nós queremos dizer: *nenhum desvio cultural.*

4. *A irrupção na modernidade*

Apesar da nossa extrema juventude, não temos o tempo de viver as volutas de uma tranquila evolução. Precisamos estar dentro de um mundo contemporâneo que anda rápido. Assumir a ordem e a aventura, teria dito Apolínario. A ordem seria, aqui, o que concorre com o desenvolvimento da nossa consciência identitária, ao desabrochamento da nossa nação, à emergência das nossas artes e da nossa literatura: problemáticas que não são mais desse século, mas que nós devemos necessariamente ajustar. A aventura simbolizaria o mundo moderno e seus avanços contemporâneos dos quais não é desejável se excluir sob o pretexto de ter de guardar o interior de si mesmo. Os países subdesenvolvidos, ou mal desenvolvidos, se veem acumulados hoje dessa acrobacia.

Comment s'inquiéter de la langue créole sans participer aux questions actuelles de la linguistique ? Comment penser un roman antillais sans être riche des approches qu'ont du roman tous les peuples du monde? Comment se préoccuper d'une expression artistique qui, efficace à l'intérieur de la nation, se révélerait anachronique ou dépassée une fois pointée à l'extérieur? Il nous faut donc tout faire en même temps : placer notre écriture dans l'allant des forces progressistes qui s'activent pour notre libération, et ne point délaissier la recherche d'une esthétique neuve sans laquelle il n'est point d'art, encore moins de littérature. Il nous faut être lucides sur nos tares de néo-colonisés, tout en travaillant à oxygéner nos étouffements par une vision positive de notre être. Il nous faut nous accepter tels quels, totalement, et nous méfier de cette identité incertaine, encore mue par d'inconscientes aliénations. Il nous faut être ancrés au pays, dans ses difficultés, dans ses problèmes, dans sa réalité la plus terre à terre, sans pour autant délaissier les bouillonnements où la modernité littéraire actionne le monde. C'est un peu ce que Glissant appelle « être en situation d'irruption²⁷ ». Situation inconfortable, certes, exigences draconiennes, mais il est déjà clair pour nous qu'il faut, de toute manière, écrire au difficile²⁸, s'exprimer à contre-courant des usures, des lieux communs et des déformations, et que c'est au difficile que pourra se pister — par nous — l'éloignement en nous-mêmes de notre authenticité.

5. Le choix de sa parole

Como se preocupar com a língua crioula sem participar das questões atuais da linguística? Como pensar um romance antilhano sem estar rico das abordagens que fizeram os romances de todos os povos do mundo? Como se preocupar com uma expressão artística que, eficaz no interior da nação, se revelaria anacrônica ou ultrapassada uma vez apontada no exterior? É preciso, então, fazer tudo ao mesmo tempo: colocar nossa escrita no ir das forças progressistas que se ativam pela nossa libertação, e de modo nenhum abandonar a pesquisa de uma estética nova sem a qual não há arte, menos ainda literatura. Precisamos ser lúcidos sobre nossos tamanhos de neo-colonizados, trabalhando para oxigenar nossos afogamentos para uma visão positiva do nosso ser. Precisamos nos aceitar tais quais, totalmente, e desconfiarmos dessa identidade incerta, ainda movida pelas inconscientes alienações. É preciso que estejamos ancorados no país, nas suas dificuldades, nos seus problemas, na sua realidade mais elementar, sem abandonar as efervescências onde a modernidade literária aciona o mundo. É um pouco o que Glissant chama “estar em situação de irrupção²⁷”. Situação desconfortável, pontuais exigências draconianas, mas já está claro para nós que é preciso, de toda maneira, escrever de maneira difícil²⁸, se expressar na contracorrente das usuras, dos lugares comuns e das deformações, e é no difícil que poderá seguir — para nós — o distanciamento de nós mesmos da nossa autenticidade.

5. A escolha da sua palavra

Notre première richesse, à nous écrivains créoles, est de posséder plusieurs langues : le créole, français, anglais, portugais, espagnol, etc. Il s'agit maintenant d'accepter ce bilinguisme potentiel et de sortir des usages contraints que nous en avons. De ce terreau, faire lever sa parole. De ces langues bâtir notre langage²⁹. Le créole, notre langue première à nous Antillais, Guyanais, Mascariens, est le véhicule originel de notre moi profond, de notre inconscient collectif, de notre génie populaire, cette langue demeure la rivière de notre créolité alluviale. Avec elle nous rêvons. Avec elle nous résistons et nous acceptons. Elle est nos pleurs, nos cris, nos exaltations. Elle irrigue chacun de nos gestes. Son étiolement n'a pas été une seule ruine linguistique, la seule chute d'une branche, mais le carême total d'un feuillage, l'agenouillement d'une cathédrale³⁰. L'absence de considération pour la langue créole n'a pas été un simple silence de bouche mais une amputation culturelle. Les conteurs créoles aujourd'hui disparus l'auraient dit mieux que nous. Chaque fois qu'une mère, croyant favoriser l'acquisition de la langue française, a refoulé le créole dans la gorge d'un enfant, cela n'a été en fait qu'un coup porté à l'imagination de ce dernier, qu'un envoi en déportation de sa créativité. Les instituteurs de la grande époque de la francisation³¹ ont été les négriers de notre élan artistique. Si bien qu'aujourd'hui, ce serait stérilisation que de ne pas réinvestir cette langue. Son usage est l'une des voies de la plongée en notre créolité. Aucun créateur créole, dans quelque domaine que ce soit, ne se verra jamais accompli sans une connaissance intuitive de la poétique de la langue créole³². L'éducation artistique (la rééducation du regard, l'activation de la sensibilité créole) impose comme préalable une acquisition de la langue créole dans sa

Nossa primeira riqueza, de nossos escritores crioulos, é ter muitas línguas: o crioulo, francês, inglês, português, espanhol, etc. Agora, isso diz respeito a aceitar o bilinguismo potencial e de sair dos usos obrigados que nós temos. Desse terreno, fazer levantar sua palavra. Dessas línguas, construir nossa linguagem²⁹. O crioulo, nossa língua primeira para nós Antilhanos, Guianenses, Mascarenhos, é o veículo original do nosso eu profundo, do nosso inconsciente coletivo, do nosso gênio popular, essa língua continua a ser o rio da nossa criouldade aluvial. Com ela nós sonhamos. Com ela resistimos e nos aceitamos. Ela é os nossos choros, nossos gritos, nossas exaltações. Ela irriga cada um dos nossos gestos. Seu estiolamento não foi apenas uma ruína linguística, a única queda de um ramo, mas a quaresma total de uma folhagem, a genuflexão de uma catedral³⁰. A ausência de consideração pela língua crioula não foi um simples silêncio de boca, mas uma amputação cultural. Os contistas crioulos hoje desaparecidos teriam dito melhor que nós. Cada vez que uma mãe, acreditando favorecer a aquisição da língua francesa, afastou o crioulo da garganta de uma criança, isso foi apenas um golpe para imaginação deste último, um envio de deportação da sua criatividade. Os professores da grande época do afrancesamento³¹ foram os negreiros do nosso ímpeto artístico. Se bem que hoje, isso seria esterilização não reinvestir essa língua. Seu uso é uma das vias de mergulho na nossa criouldade. Nenhum criador crioulo, em qualquer domínio que seja, não se verá jamais realizado sem um conhecimento intuitivo da poética da língua crioula³². A educação artística (a reeducação do olhar, a ativação da sensibilidade crioula) impõe como primordial uma aquisição da língua crioula na sua sintaxe, na sua gramática, no seu léxico o

syntaxe, dans sa grammaire, dans son lexique le mieux basilectal, dans son écriture la plus appropriée (cette dernière fût-elle éloignée des habitudes françaises), dans ses intonations, dans ses rythmes, dans son âme...dans sa poétique³³. La quête du créole profond, orgueilleusement menée sous le signe de la rupture, de l'inédit et de l'inouï, en alimentant nos ferveurs révolutionnaires, polarise, à n'en pas douter, nos énergies les plus extrêmes et les plus solitaires. En revanche, le drame de beaucoup de nos écrivains provient de la castration dont, linguistiquement, ils ont été victimes au temps de leur enfance. La langue créole est donc une des forces de notre expressivité, ainsi que l'a démontré (s'il en était besoin) l'écrivain guadeloupéen Sonny Rupaire qui, à partir d'elle, sut initier une poésie en rupture complète avec celle qui avait cours jusqu'alors, mariant la revendication politique la plus extrême à l'assomption d'une poétique enracinée. La langue créole n'est pas une langue moribonde, elle continue à muer, perdant ici des diaprures secrètes pour retrouver là des accents jusqu'alors inconnus d'elle (ainsi qu'en témoigne la poésie de Monchoachi, de Joby Bernabé, Daniel Boukman, Thérèse Léotin, Hector Poulet, Félix Morisseau-Leroy, Serge Restog, Max Rippon, Georges Castera...). Elle est semblable au serpent ferde-lance que l'on a beau traquer au fin fond des mornes: elle ressurgit sans crier *wouap!* au fin fond de nos cases, cela parce qu'elle est liée à notre existence même, et parce que, en finale de compte, comme s'est exclamé : L'écrivain Vincent Placolý : « *C'est elle qui nous appartient le plus!*³⁴. » D'où cette nécessité de renforcer sa densité orale par la puissance contemporaine de l'écrit. Et ceux de nos écrivains qui ont tenté de la tuer en eux, ou dans leur écriture, perdaient sans le savoir la

meilleur basilectal, na sua escrita mais apropriada (essa última foi distanciada dos hábitos franceses), nas suas entonações, nos seus ritmos, na sua alma...na sua poética³³. A busca do crioulo profundo, orgulhosamente conduzido sob o signo da ruptura, do inédito e do inaudito, alimentado nossos fervores revolucionários, polarizado, a não duvidar de nossas energias, as mais extremas e mais solitárias. Em contrapartida, o drama de muitos de nossos escritores provém da castração que, linguisticamente, eles foram vítimas no tempo de sua infância. A língua crioula é uma das forças da nossa expressividade, como foi demonstrado (se foi necessário) o escritor guadalupense Sonny Rupaire que, a partir dela soube iniciar uma poesia em ruptura completa com aquela que estava em curso até então, casando a reivindicação política mais extrema com a assunção de uma poética enraizada. A língua crioula não é uma língua moribunda, ela continua a mudar, perdendo aqui algumas miscelâneas secretas para reencontrar assim os acentos dela, até então, desconhecidos (bem como em testemunha a poesia de Monchoachi, de Joby Bernabé, Daniel Boukman, Thérèse Léotin, Hector Poulet, Félix Morisseau-Leroy, Serge Restog, Max Rippon, Georges Castera...). Ela é parecida com a serpente ponta de lança que perseguimos no fim fundo dos aborrecimentos: Ela ressurgiu sem gritar *wouap!* no fundo das nossas casas, isso porque ela está ligada a nossa própria existência, e porque, no final das contas, como exclamou o escritor Vincent Placolý: “*É ela que nos pertence mais!*”³⁴. De onde essa necessidade de fortalecer sua densidade oral pela potência contemporânea da escrita. E as dos nossos escritores que tentaram matá-la neles, ou em sua escrita, perdidos sem saber o caminho real para uma autenticidade

voie royale vers un authentique étouffé en eux-mêmes : la Créolité. Quel suicide esthétique ! La littérature créole d'expression créole aura donc pour tâche première de construire cette langue écrite sortie indispensable de sa clandestinité. Cependant, pour ne s'être pas efforcés de se distancier de la langue qu'ils maniaient, la plupart des littérateurs créolophones n'ont pas fait œuvre d'écriture et répondu à l'exigence première de l'acte littéraire, à savoir produire un langage au sein même de la langue. Le poète créole d'expression créole, le romancier créole d'expression créole, devra dans le même allant, être le récolteur de la parole ancestrale, le jardinier des vocables nouveaux, le découvreur de la créolité du créole. Il se méfiera de cette langue tout en l'acceptant totalement. Il prendra ses distances par rapport à elle, tout en y plongeant désespérément — et, se méfiant des procédures de la défense-illustration, il éclaboussera cette langue des folies du langage³⁵ qu'il se sera choisi.

Mais nos histoires, pour une fois généreuses, nous ont dotés d'une langue seconde³⁶. Elle n'était pas à tous au départ. Elle ne fut longtemps que celle des oppresseurs-fondateurs. *Nous l'avons conquise, cette langue française*. Si le créole est notre langue légitime, la langue française (provenant de la classe blanche créole) fut tour à tour (ou en même temps) octroyée et capturée, légitimée et adoptée. La créolité, comme ailleurs d'autres entités culturelles³⁷ a marqué d'un sceau indélébile la langue française. Nous nous sommes approprié cette dernière. Nous avons étendu le sens de certains mots. Nous en avons dévié d'autres. Et métamorphosé beaucoup. Nous l'avons enrichie tant dans son lexique que dans sa syntaxe. Nous l'avons préservée dans moult vocables dont l'usage

sufocada neles mesmos: a Crioulidade. Que suicídio estético! A literatura crioula de expressão crioula teria por tarefa primeira construir essa língua escrita, saída indispensável de sua clandestinidade. Entretanto, para não ser forçado a se distanciar da língua que eles manipularam, a maior parte das literaturas crioulofones não fizeram obra escrita e responderam à exigência primeira do ato literário, para saber produzir uma linguagem no próprio seio da língua. O poeta crioulo, de expressão crioula, o romancista crioulo de expressão crioula, deve no mesmo passo, ser o colhedor da palavra ancestral, o jardineiro dos novos vocábulos, o descobridor da crioulidade do crioulo. Ele será cauteloso com essa língua aceitando-a totalmente. Ele toma suas distâncias em relação a ela, prolongando desesperadamente — e, desconfiando dos procedimentos da defesa-ilustração, ele enlameará essa língua das loucuras da linguagem³⁵ que será escolhida.

Mas nossas histórias, uma vez generosas, fomos dotados por uma segunda língua³⁶. Ela não era para todos no início. Ela foi por muito tempo a dos opressores-fundadores. *Nós a conquistamos, essa língua francesa*. Se o crioulo é nossa língua legítima, a língua francesa (provinda da classe branca crioula) foi alternadamente (ou de tempos em tempo) conhecida e capturada, legitimada e adotada. A criouliadde como também outras entidades culturais³⁷ marcou com um selo indelével a língua francesa. Nós nos apropriamos desta última. Nós entendemos o sentido de algumas palavras. Nós desviamos de outras. E metamorfoseado muito. Nós a enriquecemos tanto no seu léxico quanto na sua sintaxe. Nós a preservamos em muitos vocábulos cuja utilização foi perdida. Resumindo, *nós a*

s'est perdu. Bref, *nous l'avons habitée*. En nous, elle fut vivante. En elle, nous avons bâti notre langage³⁸ ce langage qui fut traqué par les kapos culturels comme profanation de l'idole qu'était devenue cette langue. *Notre littérature devra témoigner de cette conquête*. Nous récusons donc la religion de la langue française qui sévit dans nos pays depuis l'abolition de l'esclavage, et adhérons totalement au proverbe haïtien selon lequel : « *Palé fransé Pa vlé di lespri* » (Parler français n'est pas gage d'intelligence). En réprimant ce langage, on a, comme pour la langue créole, brimé notre expressivité, notre pulsion créatrice, car la créativité ne peut lever que d'une lecture subjective du monde. On a, par là aussi, contrarié notre expression artistique sur plusieurs générations. La littérature créole d'expression française aura donc pour tâche urgente d'investir et de réhabiliter l'esthétique de notre langage. C'est ainsi qu'elle sortira de l'usage contraint du français qui, en écriture, a trop souvent été le nôtre.

Hors donc de tout fétichisme, le langage sera, pour nous, l'usage libre, responsable, créateur d'une langue³⁹. Ce ne sera pas forcément du français créolisé ou réinventé, du créole francisé ou réinventé, mais notre parole retrouvée et finalement décidée. Notre singularité exposée-explosée dans la langue jusqu'à ce qu'elle s'affermisse dans l'Être. Notre conscience en verticalité psychique. L'antidote de l'ancestrale domination qui nous accable. Par-delà le langage pourra s'exprimer ce que nous sommes, notre présence au monde, notre enracinement... Car la langue dominante idolâtrée⁴⁰ ignore la personnalité du locuteur colonisé, fausse son histoire, nie sa liberté, le déporte de lui-même. Pareillement, l'idolâtrie par le colonisé de la langue dominée, si elle peut être bénéfique dans les premiers temps de la révolution

habitamos. Em nós, ela foi viva. Nela, nós batizamos nossa língua³⁸, essa língua que foi seguida pelos guardas culturais como profanação da índole que era advinda dessa língua. *Nossa literatura deverá testemunhar essa conquista*. Nós recusamos então a religião da língua francesa que serviu no nosso país depois da abolição da escravatura, e aderiram totalmente ao provérbio haitiano segundo o qual: “*Palé fransé pa vlé di lespri*” (falar francês não é garantia de inteligência). Reprimindo essa linguagem, temos, como para a língua crioula, intimando nossa expressividade, nossa pulsão criativa, porque a criatividade só pode levar a uma leitura subjetiva do mundo. Temos, desse modo também, contrariada nossa expressão artística sob várias gerações. A literatura crioula de expressão francesa terá a tarefa urgente de investir e reabilitar a estética da nossa linguagem. É assim que ela sairá da utilização constrangida do francês que, na escrita, foi muitas vezes a nossa.

Fora então de todo um fetichismo, a linguagem seria, para nós, a utilização livre, responsável, criadora de uma língua³⁹. O que não será forçadamente do francês crioualizado ou reinventado, do crioulo afrancesado ou reinventado, mas nossa palavra reencontrada e finalmente decidida. Nossa singularidade exposta-explodida na língua até o que ela se consolide no Ser. Nossa consciência na verticalidade psíquica. O antidoto da ancestral dominação que nos subjuga. Através disso a linguagem poderá se exprimir o que nós somos, nossa presença no mundo, nosso enraizamento... Porque a língua dominante idolatrada⁴⁰ ignora a personalidade do locutor colonizado, falseia sua história, nega sua liberdade, a deporta dele mesmo. Paralelamente, a idolatria pelo colonizado da língua dominada, se ela pode ser benéfica nos

culturelle, ne saurait en aucune façon devenir l'objectif principal ou unique des écrivains créoles d'expression créole. Toute langue idolâtrée fonctionne comme un masque de théâtre Nô, ces masques qui confèrent aux comédiens, des sentiments, des visages, mais aussi des personnalités autres. Pour un poète, un romancier créole, écrire en français ou en créole idolâtré, c'est demeurer immobile dans l'aire d'une action, sans décision dans un champ de possibles, inane dans un lieu de potentiels, sans voix dans les grandes transmissions des échos d'une falaise. Sans langage dans la langue, donc sans identité. C'est, en écriture, ne pas accéder à l'acte littéraire⁴¹. C'est, du point de vue de l'esthétique, mourir.

La créolité n'est pas monolingue. Elle n'est pas non plus d'un multilinguisme à compartiments étanches. Son domaine c'est le langage. Son appétit : toutes les langues du monde. Le jeu entre plusieurs langues (leurs lieux de frottements et d'interactions) est un vertige polysémique. Là, un seul mot en vaut plusieurs. Là, se trouve le canevas d'un tissu allusif, d'une force suggestive, d'un commerce entre deux intelligences. Vivre en même temps la poétique de toutes les langues, c'est non seulement enrichir chacune d'elles, mais c'est surtout rompre l'ordre coutumier de ces langues, renverser leurs significations établies. C'est cette rupture qui permettra d'amplifier l'audience d'une connaissance littéraire de nous-mêmes.

Garder une totale disponibilité vis-à-vis de tout l'éventail linguistique qu'offre la palette sociale, tel est l'état d'esprit avec lequel nous avons abordé la problématique de l'interlangue, appelée plus savamment « interlecte ». Mais l'exaltation des fécondités de ce dernier n'occulte en rien notre vigilance à l'égard de ses périls. En effet, la transmutation dont il est expert à donner la

premières moments da revolução cultural, não saberia de nenhuma maneira se tornar o objetivo principal ou único dos escritores crioulos de expressão crioula. Toda língua idolatrada funciona como uma máscara de teatro Nô, essas máscaras que atribuem aos comediantes, sentimentos, expressões, mas também outras personalidades. Para um poeta, um romancista crioulo, escrever em francês ou em crioulo idolatrado é ficar parado no ar de uma ação, sem decisão em um campo de possibilidades, inane em um lugar de potenciais, sem voz nas grandes transmissões de ecos de uma falésia. Sem linguagem na língua, logo sem identidade. É, na escrita, não acessar o ato da literatura⁴¹. É do ponto de vista estético, morrer.

A crioullidade não é monolíngue. Ela também não é multilinguismo com compartimentos estanques. Seu domínio é a linguagem. Seu apetite: todas as línguas do mundo. O jogo entre várias línguas (seus lugares de atrito e interações) é uma vertigem polissêmica. Aqui, uma só palavra vale várias. Aqui, se encontra o esboço de um tecido alusivo, de uma força sugestiva, de um comércio entre duas inteligências. Viver ao mesmo tempo a poética de todas as línguas, não é apenas enriquecer cada uma delas, mas é, sobretudo, romper a ordem costumeira dessas línguas, derrubar suas significações estabelecidas. É essa ruptura que permitirá ampliar a audiência de um conhecimento literário de nós mesmo.

Guardar total disponibilidade face a face todo alcance linguístico que oferece a paleta social, tal é o estado de espírito com o qual nós temos abordado a problemática da interlíngua, chamada mais sabiamente de “interlecto”. Mas a exaltação das fecundidades deste último não oculta em nada nossa vigilância no que diz respeito aos seus perigos. De fato, a transmutação na qual é expert em dar a

fascinante apparence est, en fait, la transgression, inscrite en son statut ontologique, de la ligne de partage des eaux. Pourvoyeur aussi d'illusions, le matériau interlectal peut sous-entendre du construit là où n'existe qu'abandon lascif aux clichés et aux stéréotypes. En un mot, dépositaire d'un génie multiple, l'interlecte peut bien, si l'on n'y prend garde, être le fossoyeur pur et simple du génie. Chaque fois qu'il nous dispense du travail critique de l'écriture, l'interlecte (serviteur attentionné et omniprésent) constitue le danger d'une aliénation subreptice mais terriblement efficace. Le français dit « français-banane » qui est au français standard ce que le latin macaronique est au latin classique, constitue, à n'en pas douter, ce que l'interlangue recèle de plus stéréotypé, et par quoi, irrésistiblement, elle donne dans le comique. À Césaire, une instinctive méfiance de la bâtardise dicta souvent d'ailleurs l'usage du français le plus culte, symétrique magnifié 'un créole impossible parce que encore à inventer en sa facture littéraire. Glissant, quant à lui, jamais ne se commit avec l'interlecte-cliché. Avec l'un et l'autre, nous apprîmes la droite patience et la quête obstinée — quand même convulsive — des mots. Quant à nous, notre éloge de la créolité ne sera jamais celui de l'accroupissement désœuvré et infécond à faire autre chose que parasiter le monde. Or, toute une série de productions verbales peuvent aisément, si on n'y prend garde, faire fortune à se comporter en plantes épiphytes, enclines, de surcroît, à détourner le fleuve-langage de son embouchure créole. Nous n'oublions pas que les termes de l'échange restent encore inégalitaires entre créole et français, tous deux ne courant pas les mêmes risques au regard d'une gestion irresponsable de l'espace linguistique. Notre souci, par une telle mise au point, n'est assurément pas de détourner

fascinante aparência é, de fato, a transgressão, inscrita no seu status ontológico, da linha de divisão de águas. Fornecedor também de ilusões, o material interlectual pode subentender o construto onde existe apenas o abandono lascivo dos clichês e dos estereótipos. Em uma palavra, depositária de um gênio múltiplo, o interlecto pode sim, se não forem tomadas as precauções, ser o coveiro puro e simples do gênio. Cada vez que ele nos dispensa o trabalho crítico da escrita, o interlecto (servo atencioso e onipresente) constitui o perigo de uma alienação subreptícia, mas terrivelmente eficaz. O francês dito “francês-banana” que está para o francês standard e o latim macarrônico está para o latim clássico, constitui, sem dúvida, o que a interlíngua contém de mais estereotipado, e por onde, irresistivelmente, ela se dá no cômico. Para Césaire, uma instintiva desconfiança da bastardia muitas vezes dita, em outros lugares o uso do francês mais culto, simétrico engrandecido de um crioulo impossível porque ainda tem que de se inventar em sua fatura literária. Quanto ao Glissant nunca se relacionou com o interlecto-cliché. Com um e outro, nós aprendemos a direita paciência e a busca obstinada – até mesmo quando convulsiva – de palavras. Quanto à nós, nosso elogio da criouldade não será jamais aquela obra de cócoras e infecunda que não faz outra coisa senão parasitar o mundo. Ora, toda uma série de produções verbais podem facilmente, se prestamos atenção, fazer fortuna se comportando em plantas epífitas, inclinadas, ainda por cima, desviando o rio-linguagem da sua embocadura crioula. Nós não nos esquecemos que os termos de troca permanecem ainda desiguais entre o crioulo e o francês, todos os dois não correm os mesmos riscos ao olhar de uma gestão irresponsável do espaço linguístico. Nosso

l'écrivain de l'aventure menée aux interstices du créole et du français. Mieux, nous croyons qu'un usage fécond de l'interlecte peut constituer la voie d'accès à un ordre de réalité susceptible de conserver à notre créolité sa complexité fondamentale, son champ référentiel diffracté. Or, nous nous sommes aperçus que dans ce domaine, le risque d'incommunicabilité était grand. Beaucoup désignèrent, en effet, notre plongée en créolité, voire en langue créole, comme une sorte d'enterrement en soi-même, dans une spécificité trop étroite. C'était assurément oublier que vivre e créolité complexe revenait à vivre le monde, ou (pour reprendre une expression de Glissant) le *Tout-monde*.

problema, por tal desenvolvimento, não é certamente de desviar o escritor da aventura realizada pelos interstícios do crioulo e do francês. Melhor, nós acreditamos que uma utilização fecunda do interlecto pode constituir a voz de acesso a uma ordem da realidade suscetível a conservar nossa criouldade, sua complexidade fundamental, seu campo referencial difratado. Ora, nós só somos percebidos nesse domínio, o risco de incomunicabilidade era grande. Designaram muito, de fato, nosso prolongamento em crioulo, ver em língua crioula, como um tipo de enterramento em si mesmo, numa especificidade extremamente fechada. Foi absolutamente esquecido que viver uma criouldade complexa voltaria a viver o mundo, ou (para usar uma expressão de Glissant) o *Todo-mundo*.

UNE DYNAMIQUE CONSTANTE

Une des entraves de notre créativité fut le souci obsessionnel de l'Universel. Vieux syndrome de colonisé: ce dernier craint de n'être que ce lui-même dévalorisé, tout en étant honteux de vouloir être ce qu'est son maître. Il accepte donc — suprême subtilité — de penser les valeurs de ce dernier comme celles de l'idéal du monde. D'où l'extériorité à nous-mêmes. D'où le dénigrement de la langue créole et de la mangrove profonde de la créolité. D'où — à l'exception des miracles individuels — notre naufrage esthétique. Notre balbutiement. La littérature créole se moquera de l'Universel, c'est-à-dire de cet alignement déguisé aux valeurs occidentales, c'est-à-dire de ce souci de mise en transparence de soi-même, c'est-à-dire de cette exposition de soi aux embellies de l'évidence. Nous voulons approfondir notre Créolité en pleine conscience du monde. *C'est*

UMA DINÂMICA CONSTANTE

Um dos entraves da nossa criatividade foi o problema obsessivo do Universo. Velha síndrome do colonizado: este último com medo de ser ele mesmo desvalorizado, tendo vergonha de querer ser o que seu mestre é. Aceita então — suprema sutileza — pensar os valores deste último como aqueles do ideal do mundo. Daí a exterioridade a nós mesmos. De onde a depreciação da língua crioula e do manguezal profundo da criouldade. De onde — com exceção dos milagres individuais — nosso naufrágio estético. Nosso balbucio. A literatura crioula rirá do Universal, quer dizer, desse alinhamento disfarçado de valores ocidentais, ou seja, desse problema da transparência de si mesmo, ou ainda dessa expressão de si aos embelezamentos do obvio. Nós queremos aprofundar nossa Criouldade em plena consciência do mundo. *É pela Criouldade que nós seremos Martinicanos. É*

par la créolité que nous serons Martiniquais. C'est en devenant Martiniquais que nous serons Caribéens, donc Américains à notre manière. C'est par la Créolité que nous cristalliserons l'Antillanité, ferment d'une civilisation antillaise. Nous voulons penser le monde comme une harmonie polyphonique : rationnelle/irrationnelle, achevée/complexe, unie/diffractée...La pensée complexe d'une créolité elle-même complexe peut et doit nous y aider. La créolité exprimée frémit de la vie Tout-monde, c'est le Tout-monde dans une dimension particulière, et une forme particulière du Tout-monde.

Le monde va en état de créolité. Les vieilles crispations nationales cèdent sous l'avancée de fédérations elles-mêmes ne vivront peut-être pas longtemps. Dessous la croûte universelle totalitaire, le Divers s'est maintenu⁴² en petits peuples, en petites langues, en petites cultures. Le monde standardisé grouille contradictoirement dans le Divers. Tout se trouvant mis en relation avec tout, les visions s'élargissent, provoquant paradoxe d'une mise en conformité générale et d'une des différences. Et nous pressentons que Babel n'est irrespirable que pour les espaces étroits. Que cela ne sera pas un souci pour la grande voix de l'Europe que l'on parle breton en Bretagne, corse en Corse, que ne sera pas un souci pour le Maghreb unifié que parle berbère en Kabylie, ou que l'on affirme ses manières en pays touareg. La capacité d'intégrer le divers toujours été l'apanage des grandes puissances. Les cultures se fondent, se répandent en subcultures qui génèrent elles-mêmes d'autres agrégats culturels. Penser le monde aujourd'hui, l'identité d'un homme, le principe d'un peuple ou d'une culture, avec les appréciations du dix-huitième ou du dix-neuvième siècle serait une pauvreté. De plus en plus émergera une nouvelle humanité qui aura les

se tornando Martinicano que nós seremos Caribenhos, e, então Americanos ao nosso modo.É pela Crioulidade que nós cristalizaremos a Antilhanidade, fechando uma civilização antilhana. Nós queremos pensar o mundo como uma harmonia polifônica:racional/irracional,acabado/compl exo,unido/difratado...

Opensamento complexo de uma crioulidade ela-mesma complexa pode e deve nos ajudar. A crioulidade exprimida treme a vida de Todo-mundo, é o Todo-mundo em uma dimensão particular, e uma forma particular de Todo-mundo.

O mundo está em estado de crioulidade. As velhas tensões nacionais cedem sob o avanço de federações que elas próprias talvez não viram a muito tempo. Abaixo a crosta universal totalitária, o Diverso se manteve⁴² em pequenos povos, em pequenas línguas, em pequenas culturas. O mundo standardizado fervilha contraditoriamente no Diverso. Se voltando completamente para relação com tudo, as visões alargam-se, provocando o paradoxo de uma conformidade geral e uma das diferenças. E nos pressentimos que Babel é apenas irrespirável pelos espaços estreitos. Que isso não será um problema para a grande voz da Europa, que falamos bretão na Bretanha, corsa na Córsega, que isso não será um problema para o Magreb unificado que fala berbere em Kabylie, ou que afirmamos suas maneiras em país tuaregue. A capacidade de integrar o diverso sempre foi a prerrogativa das grandes potências. As culturas se fundam, prorrogam-se em subculturas que geram elas mesmas outros agregados culturais. Pensar o mundo hoje, a identidade de um homem, o princípio de um povo ou de uma cultura, com as apreciações do século dezoito ou dezenove seria uma pobreza. Cada vez mais emergirá uma nova humanidade que terá as características de nossa humanidade crioula:

caractéristiques de notre humanité créole : toute la complexité de la Créolité. Le fils, né et vivant à Pékin, d'un Allemand ayant épousé une Haïtienne, sera écartelé entre plusieurs langues, plusieurs histoires, pris dans l'ambiguïté torrentielle d'une identité mosaïque. Il devra, sous peine de mort créative, la penser dans toute sa complexité. *Il sera en état e créole*. C'est cela que nous avons préfiguré. Notre plongée dans notre créolité, avec les ressources de l'Art, est une mise en relation avec le monde, des plus extraordinaires et des plus justes. Exprimer la Créolité sera exprimer les *étants* mêmes du monde⁴³. Ce que nous avons ressenti, notre acquis émotionnel, nos douleurs, nos incertitudes, l'étrange curiosité de ce que l'on a cru être nos tares, servira dans notre expression réalisée à bâtir l'Être harmonieux du monde dans la diversité.

La Créolité nous libère du monde ancien. Mais, dans ce nouveau ballant, nous rechercherons le maximum de communicabilité compatible avec l'expression extrême d'une particularité. Sera créole l'œuvre qui, exaltant dedans sa cohérence, la diversité des significations conservera cette marque qui fonde sa pertinence⁴⁴ quelle que soit la façon dont on la lira, le lieu culturel d'où on la percevra, la problématique dans laquelle on la ramènera. Notre plongée dans la Créolité ne sera pas incommunicable mais elle ne sera non plus pas totalement communicable. Elle le sera avec ses opacités l'opacité que nous restituons aux processus de la communication entre les hommes⁴⁵. S'enfermer dans la Créolité eût été contredire son principe constitutif — la nier. C'eût été transformer l'émotion initiale en une mécanique creuse, tournant à vide, s'appauvrissant à mesure, comme ces civilisations dominatrices aujourd'hui effondrées. Une des conditions de notre

toda a complexidade da Crioulidade. Os filhos, nascidos e criados em Pequim, de um Alemão que se casou com uma Haitiana, será dividida entre várias línguas, várias histórias, tiradas da ambiguidade torrencial de uma identidade mosaica. Ela deverá, sob pena de morte criativa, pensar em toda sua complexibilidade. *Ele estará em estado crioulo*. É isso que nós prefiguramos. Nosso prolongamento, com as fontes da Arte, é uma relação com o mundo, de mais extraordinário e mais justo. Expressar a Crioulidade será expressar os *sendos* próprios do mundo⁴³. O que nós ressentimos, nossa aquisição emocional, nossas dores, nossas incertezas, a estranha curiosidade do que acreditamos ser nossas taras, servirá na nossa expressão realizada a bater o Ser harmonioso do mundo na diversidade.

A Crioulidade nos liberta do mundo antigo. Mas nesse novo balanço, nós procuramos o máximo de comunicabilidade compatível com a expressão extrema de uma particularidade. Será crioula a obra que, exaltando na sua coerência, a diversidade de significações conservará essa marca que funda sua pertinência⁴⁴ qualquer que seja a maneira que a leremos, o lugar cultural de onde a observamos, a problemática na qual a traremos. Nosso mergulho na Crioulidade não será incommunicável, mas ela também não será mais totalmente incommunicável. Ela será com suas opacidades que nós restituímos aos processos de comunicação entre os homens⁴⁵. Se fechar na Crioulidade teria sido contradizer seu princípio construtivo - negá-la. Teria sido transformar a emoção inicial em mecânica oca, voltada para o vazio, se esgotando aos poucos, como essas civilizações dominadoras hoje derrocadas. Uma das nossas condições do nosso seguimento enquanto Crioulos (abertos-complexos) é a manutenção da

survie en tant que Créoles (ouverts-complexes) c'est le maintien de la conscience du monde dans l'exploration constructive de notre complexité culturelle originelle. Que cette conscience l'exalte et l'enrichisse. Notre diversité première sera inscrite dans un processus intégrateur de la diversité du monde, reconnue et acceptée comme permanente. Notre créolité devra s'acquérir, se structurer, se préserver, tout en se modifiant et tout en avalant. *Subsister dans la diversité*⁴⁶. L'application de ce double mouvement favorisera notre vitalité créatrice en toute authenticité. Cela nous évitera aussi un retour à l'ordre totalitaire de l'ancien monde, rigidifié par la tentation de l'Un et du définitif. Au cœur de notre créolité, nous maintiendrons la modulation de lois nouvelles, de mélanges illicites. Car nous savons que chaque culture n'est jamais un achèvement mais une dynamique constante chercheuse de questions inédites, de possibilités neuves, qui ne domine pas mais qui entre en relation, qui ne pille pas mais qui échange. Qui respecte. C'est une folie occidentale qui a brisé ce naturel. Signe clinique : les colonisations. La culture vivante, et la Créolité encore plus, est une excitation permanente de désir convivial. Et si nous recommandons à nos créateurs cette exploration de nos particularités c'est parce qu'elle ramène au naturel du monde, hors du *Même* et de *l'Un*, et qu'elle oppose à l'Universalité, la chance du monde diffracté mais recomposé, l'harmonisation consciente des diversités préservées : la DIVERSALITÉ.

*Conférence Prononcée
le dimanche 22 Mai 1988
au Festival caraïbe de la
Seine-Saint-Denis.*

consciência do mundo na explosão construtiva da nossa complexidade cultural original. Que essa consciência a exalte e a enriqueça. Nossa diversidade primeira será inscrita em um processo integrador da diversidade do mundo, reconhecido e aceito como permanente. Nossa criouidade deverá ser adquirida, se estruturar, se preservar, modificando e engolindo. *Subsistir na diversidade*⁴⁶. A aplicação desse duplo movimento favorecerá nossa validade criadora em toda sua autenticidade. Isto nos evitará também um retorno à ordem totalitária do antigo mundo, enrijecido pela tentação do Um e do definitivo. No coração da nossa criouidade, nos manteremos a modulação de novas leis, de misturas ilícitas. Porque sabemos que cada cultura não é jamais uma conclusão, mas uma dinâmica constante, pesquisadora de questões inéditas, de novas possibilidades que não domina, mas que entra em relação, que não copia, mas que muda. Que respeita. É uma loucura ocidental que quebrou o natural. Signo clínico: as colonizações. A cultura viva, e a Criouidade mais ainda, é uma excitação permanente de desejo convivial. E se nós recomendamos aos nossos criadores essa exploração de nossas particularidades é porque ela leva ao natural do mundo, fora do *Mesmo* e do *Um*, e que ela opõe a Universalidade, a chance do mundo difratado mais recomposto, a harmonização consciente das diversidades preservadas: a DIVERSALIDADE.

*Conferência pronunciada
domingo 22 de maio de 1988
no Festival Caribenho de
Seine – Saint-Denis,*

ANNEXE

Créolité et politique

La revendication de la Créolité n'est pas seulement de nature esthétique comme nous l'avons vu, elle présente des ramifications importantes dans tous les domaines d'activités de nos sociétés et notamment dans ceux qui en sont les moteurs : le Politique et l'Économique. Elle s'articule, en effet, sur le mouvement de revendication d'une pleine et entière souveraineté de nos peuples sans pour autant se reconnaître tout à fait dans les différentes idéologies qui ont soutenu cette revendication à ce jour. Cela signifie qu'elle se défie en premier lieu d'une sorte de marxisme primaire qui veut que les questions culturelles et partant d'identité trouveront automatiquement leur résolution une fois la Révolution opérée. Ainsi formulée, le plus souvent de bonne foi, il convient d'y insister, cette théorie a souvent dispensé nos leaders et nos organisations politiques de réfléchir en profondeur au contenu d'une vraie culture martiniquaise, guadeloupéenne ou guyanaise. Nous nous écartons aussi de cette forme de nationalisme quelque peu borné qui fait du Martiniquais un étranger pour le Guadeloupéen et vice versa. Sans nier les différences entre nos peuples, nous tenons à affirmer que ce qui les rassemble est plus vaste que ce qui les oppose et que le travail d'un défenseur de la souveraineté du peuple martiniquais consiste aussi à rapprocher son combat le plus possible de celui du peuple guadeloupéen et guyanais, et inversement.

La Créolité dessine l'espoir d'un premier regroupement possible au sein de l'Archipel caribéen : celui des peuples créolophones d'Haïti, de Martinique, de Sainte-Lucie, de

ANEXO

Crioulidade e política

A reivindicação da Crioulidade não é somente de natureza estética como nós vimos, ela apresenta ramificações importantes em todos os domínios de atividades de nossas sociedades e, notadamente, naqueles que são os motores: A Política e a Economia. Ela se articula, de fato, sob o movimento de reivindicação de uma plena e inteira soberania dos nossos povos sem, no entanto, se reconhecer totalmente nas diferentes ideologias que sustentaram essa reivindicação nos dias de hoje. Isso significa que ela se define em primeiro lugar de um tipo de marxismo primário que quer que as questões culturais e partindo da identidade encontraram automaticamente suas resoluções uma vez que a Revolução é operada. Assim, formulada, frequentemente de boa-fé, convém insistir, essa teoria tem dispensado nossos líderes e nossas organizações políticas de refletir em profundidade sobre o conteúdo de uma verdadeira cultura martinicano, guadalupense ou guianense. Nós nos desviamos também dessa forma de nacionalismo limitado que faz do Martinicano um estranho para o Guadalupense e vice-versa. Sem negar as diferenças entre nossos povos, nós gostaríamos de deixar bem claro que o que os une é mais vasto que o que os opõe e que o trabalho de um defensor da soberania do povo martinicano consiste também em aproximar seu combate do povo guadalupense e guianense e o inverso também.

A Crioulidade desenha a esperança de um primeiro reagrupamento possível no seio do Arquipélago caribenho: o dos povos crioulofones do Haiti, da Martinica, de Santa-

Dominique, de Guadeloupe et de Guyane, rapprochement qui n'est que le prélude à une union plus large avec nos voisins anglophones et hispanophones. C'est dire que pour nous, l'acquisition d'une éventuelle souveraineté mono-insulaire ne saurait être qu'une étape (que nous souhaiterions la plus brève possible) sur la route d'une fédération ou d'une confédération caraïbe, seul moyen de lutter efficacement contre les différents blocs à vocation hégémonique qui se partagent la planète. Dans cette perspective, nous affirmons notre opposition au processus actuel d'intégration sans consultation populaire des peuples desdits départements français d'Amérique au sein de la Communauté européenne. Notre première solidarité est d'abord avec nos frères des îles avoisinantes et dans un deuxième temps avec les nations d'Amérique du Sud.

Nous demeurons persuadés que faute d'avoir intégré à leur stratégie la réinstallation de nos peuples au sein de cette culture créole, miraculeusement forgée au cours de trois siècles d'humiliation et d'exploitation, nos dirigeants politiques nous préparent des lendemains qui déchantent, des États d'où seront absents les principes démocratiques les plus élémentaires, seuls gages d'un réel développement économique. Cela nous permet de dire que notre inclination va vers un régime de type multipartisan, multisyndical et multiconfessionnel, en rupture complète avec les phantasmes de l'homme providentiel, et du père de la nation qui ont fait tant de mal dans nombre de pays du tiers monde et d'Europe de l'Est. Il ne s'agit nullement d'une allégeance aux modèles politiques occidentaux mais de la simple reconnaissance que l'égalité entre les hommes ne peut être instaurée de façon durable sans qu'elle ne s'accompagne, dans le même ballant, de la liberté de penser, d'écrire

Lúcia, da Dominica, de Guadalupe e da Guiana, reconciliação que é apenas o prelúdio para uma união mais ampla com nossos vizinhos anglófonos e hispanófonos. É dizer para nós a aquisição de uma eventual soberania mono-insular, seria apenas uma etapa (que nós desejaríamos o mais breve possível) sobre a rua de uma federação ou de uma confederação caribenha, único meio de lutar eficazmente contra os diferentes blocos de vocação hegemônica que dividem o planeta. Nessa perspectiva, nós afirmamos nossa oposição ao processo atual de integração sem consulta popular dos povos ditos departamentos franceses da América no seio da Comunidade europeia. Nossa primeira solidariedade é primeiramente com nossos irmãos das ilhas vizinhas e, em um segundo momento, com as nações da América do Sul.

Nós continuamos persuadidos por falta de ter integrado a sua estratégia de reinstalação dos nossos povos no seio dessa cultura crioula, miraculosamente forjada no curso de três séculos de humilhação e de exploração, nossos dirigentes políticos nos prepararam para o amanhã que desilude, Estados onde os princípios democráticos mais elementares estarão ausentes, únicas garantias do real desenvolvimento econômico. Isso nos permite dizer que nossa inclinação vai em direção a um regime do tipo multipartidário, multisindical e multiconfessional, em ruptura completa com os fantasmas do homem providencial, e do pai da nação que fizeram tão mal em vários países do terceiro mundo e da Europa do Leste. Não diz respeito de forma alguma de lealdade aos modelos políticos ocidentais, mas o simples reconhecimento que a igualdade entre os homens não pode ser instaurada de maneira durável sem que ela não seja acompanhada, no mesmo balanço, da liberdade de pensar, de escrever e de viajar.

e de voyager. Il n'y a pas, pour nous, de *libertés formelles*. Toutes les libertés, à condition qu'elles n'entravent pas la bonne marche de la société, sont bonnes à prendre.

Não há, para nós, *liberdades formais*. Todas as liberdades, na condição de que elas não impedem o bom funcionamento da sociedade, são boas para incorporar a ela.

NOTES

1. « Le surréalisme apparaissait « positivement » comme apportant : une contestation de la société occidentale, une libération verbale, une puissance de scandale (...) « négativement » comme facteur de passivité (André Breton comme maître), lieu de références floues (la vie, le feu, le poète), absence de pensée critique dans le social, croyance en l'homme d'élection. Le rapport fut souligné des puissances de l'imaginaire, de l'irrationnel, de la folie, aux puissances nègres de l'« élémentaire » (*Tropiques*). Mais l'opinion fut soutenue que le Surréalisme tend à réduire les « particularités » et la spécificité, qu'il tend à raturer par la négation simple le problème racial, qu'il entretiendrait donc paradoxalement (et par généralisation généreuse mais abusive) une tendance à l'eurocentrisme» É. Glissant, *Le Discours antillais*, Éditions du Seuil, 1981.

2. Le vernaculaire dans *Et les chiens se taisaient* d'Aimé Césaire, Cf. les travaux en cours d'Annie Dyck. Thèse de doctorat à l'Université des Antilles et de la Guyane.

3. Ce qui revenait, en fait, à se placer à l'extérieur de la dimension nègre de notre être créole. Mais quel bonheur, à l'époque, de se trouver une âme mieux conforme aux dominantes de notre typologie!... C'est l'époque où beaucoup de nos créateurs, de nos écrivains, s'envolèrent vers l'Afrique croyant partir à la rencontre d'eux-mêmes...

NOTAS

1. “O surrealismo aparece “positivamente” anunciando: uma contestação da sociedade ocidental, uma liberação verbal, uma potência escandalosa (...), “negativamente” como fator de passividade (André Breton como mestre), lugar de referências leves (a vida, o fogo, o poeta), ausência de pensamento crítico no social, crença no homem de eleição. Sublinhou-se a relação dos poderes imaginários, do irracional, da loucura, aos poderes negros do “elementar” (*Trópicos*). Mas sustentou-se a opinião de que o surrealismo tende a reduzir as “particularidades” e a especificidade, que ele tende a rasurar pela negação simples o problema racial, que manteria então paradoxalmente (e por generalização, generosa, mas abusiva) uma tendência ao eurocentrismo”. É. Glissant, *Le Discours antillais*, Éditions du Seuil, 1981.

2. O vernáculo em *Et les chiens se taisaient* de Aimé Césaire, Cf. os trabalhos em curso de Annie Dyck. Tese de doutorado na Universidade das Antilhas e da Guiana.

3. O que voltava, de fato, a se colocar no exterior da dimensão negra de nosso ser crioulo. Mas que felicidade, na época, de se encontrar uma alma melhor conforme aos dominantes de nossa tipologia!... É a época em que muitos de nossos criadores, de nossos escritores, voltavam-se para a África acreditando partir ao encontro deles mesmos....

4. Engagement qui, en définitive, était une des manifestations de l'extériorité : « La majorité des personnes interrogées sur la littérature en Haïti demande de l'auteur haïtien un engagement ; peu d'entre elles ont effectivement lu ne serait-ce qu'un seul des ouvrages de cette littérature. Et malgré les efforts des écrivains, bien peu de choses ont changé en Haïti grâce à eux. La communication est continuellement rompue faute de lecteurs : pourquoi dans ces conditions l'écrivain ne modifie-t-il pas la teneur de son texte, ou n'abandonne-t-il pas simplement ce moyen ? Une seule réponse s'impose : L'écrivain a cédé aux demandes du monde littéraire extérieur en choisissant d'adopter des formes d'expression reconnues. Il a également cédé aux exigences d'un public qui lui demande de s'occuper de ses problèmes. Mais il échoue des deux côtés car il n'est ni reconnu ni écouté par ses compatriotes... ». U. Fleishmann, *Écrivain et société en Haïti*. Centre de recherche Caraïbes 1976.

5. Cette révolte se rangeait peut-être à cette argumentation des colonialistes du type suivant : Avant notre arrivée il n'y avait qu'une île quelque sauvages. C'est nous qui vous y avons emmenés. Il n'y avait là nul peuple, nulle culture, nulle civilisation, établie, que nous aurions colonisés. Vous n'existez que par la colonisation, alors où est la colonisation ?...

6. « D'une façon générale, la littérature d'une société véhicule des modèles selon lesquels une société se perçoit et se juge. En principe au moins, ces modèles soutiennent l'action des individus et des groupes et la poussent à se conformer aux images qu'ils tracent. Mais il faut pour cela qu'il existe une cohérence entre les modèles idéaux et la réalité, c'est-à-dire

4. Engajamento que, em definitivo, era uma das manifestações da exterioridade: "A maioria das pessoas interrogadas sobre a literatura no Haïti requer do autor haitiano um engajamento; poucas, dentre elas, leram efetivamente ao menos uma só das obras dessa literatura. E apesar dos esforços dos escritores, poucas coisas mudaram no Haïti graças a eles. A comunicação é continuamente rompida por falta de leitores: por que nessas condições o escritor não modifica o teor de seu texto, ou não abandona simplesmente esse meio? Uma só resposta se impõe: o escritor cede às demandas do mundo literário exterior escolhendo adotar formas de expressão reconhecidas. Cede, igualmente, às necessidades de um público que exige dele ocupar-se de seus problemas. Mas fracassa dos dois lados porque não é nem reconhecido nem ouvido por seus compatriotas... "U. Fleishmann, *Écrivain et société en Haïti*. Centre de recherches Caraïbes, 1976.

5. Essa revolta seguia-se talvez por essa argumentação dos colonialistas do seguinte tipo: Antes de nossa chegada havia apenas uma ilha e alguns selvagens. Fomos nós que trouxemos vocês. Lá não havia nenhum povo, nenhuma cultura, nenhuma civilização estabelecida que nós tivéssemos colonizado. Vocês não existem senão pela colonização, então onde está a colonização? ...

6. "De uma maneira geral, a literatura de uma sociedade veicula modelos segundo os quais uma sociedade se percebe e se julga. Em princípio ao menos, esses modelos sustentam a ação de indivíduos e grupos e a levam a se conciliar com as imagens que eles traçam. Mas para isso é preciso que exista uma coerência entre os modelos ideais e a

que ceux: ci doivent au moins partiellement pouvoir s'actualiser dans le temps et l'espace accessibles. L'émergence d'une littérature engagée est en rapport avec le refus de la réalité actuelle d'une société : sollicité par le public, l'écrivain exprime des modèles qui doivent le guider dans l'appréhension d'une nouvelle réalité. L'écrivain haïtien quant à lui façonne son idéal sur l'ancienne métropole, ou sur une autre société, au point de s'identifier totalement à elle. Pour que la réalité haïtienne lui devienne accessible, il faudrait qu'elle se transforme jusqu'à ressembler à cette autre réalité. Ce divorce entre le quotidien et l'idéal rêvé empêchant alors que les modèles aient un impact sur la réalité. » U. Fleishmann, *op. cit.*

7.« C'était à une conférence de Daniel Guérin, explique É. Glissant, prononcée devant les étudiants de l'Association générale des étudiants martiniquais, en 1957 ou 1958. Daniel Guérin qui venait d'appeler à une Fédération des Antilles dans son ouvrage *Les Antilles décolonisées*, s'étonna pourtant de ce néologisme qui supposait plus qu'un accord politique entre pays antillais » in *Le Discours antillais*, *op. cit.*

« Le réel est indéniable : cultures issues du système des plantations ; civilisation insulaire (où la mer Caraïbe diffracte, là où par exemple on estimera qu'une mer elle aussi civilisatrice, la Méditerranée, avait d'abord une puissance d'attraction et de concentration); peuplement pyramidal avec une origine africaine ou hindoue à la base, européenne au sommet; langues de compromis ; phénomène culturel général de créolisation ; vocation de la rencontre et de la synthèse ; persistance du fait africain ; culture de la canne, du maïs et du piment; lieu de combinaison des rythmes ; peuples de

realidade, isto é: que esses devem ao menos parcialmente poder se atualizar no tempo e espaço acessíveis. A emergência de uma literatura engajada está em relação com a recusa da realidade atual de uma sociedade: sollicitado pelo público, o escritor expressa modelos que devem guiá-lo na apreensão de uma nova realidade. O escritor haitiano quando molda seu ideal a partir da antiga metrópole, ou sobre outra sociedade, a ponto de se identificar totalmente com ela. Para que a realidade haitiana se torne acessível a ele, seria preciso que ela se transformasse até se assemelhar a essa outra realidade. Esse divórcio entre o cotidiano e o ideal sonhado impede, então, que os modelos tenham um impacto sobre a realidade." U. Fleishmann, *op. cit.*

7. "Foi em uma conferência de Daniel Guérin, explica É. Glissant, pronunciada diante de estudantes da Associação geral dos estudantes martinicanos, em 1957 ou 1958. Daniel Guérin que acabava de falar de uma Federação das Antilhas em sua obra *Les Antilles décolonisées*, se surpreendeu, entretanto, com esse neologismo que supunha mais que um acordo político entre países antilhanos." In *Le Discours antillais*, *op. cit.*

“O real é inegável: culturas oriundas do sistema de plantações; civilizações insulares (lá onde o lar Caraíba difrata, lá onde, por exemplo, estimamos um mar também civilizador, o Mediterrâneo, tinha antes um poder de atração e de concentração); povoação piramidal com uma origem africana ou hindu na base, europeu na soma; línguas de compromisso; fenômeno cultural generalizado de crioulização; vocação do reencontro e da síntese; persistência do fazer africano; cultura da cana, do milho e da pimenta; lugar de combinações de ritmos; povos de oralidade. O real é virtual. Falta a

l'oralité. Ce réel est virtuel. Il manque à l'antillanité : de passer du vécu commun à la conscience exprimée ; de dépasser la postulation intellectuelle prise en compte par les élites du savoir et de s'ancrer dans l'affirmation collective appuyée sur l'acte des peuples. » É. Glissant, *op. cit.*

8. Malemort, É. Glissant, Seuil, 1975.

9. Dézaft. Frankétienne, Éd. Fardin. Port-au-Prince, 1975.

10. « Premiers levés qui ferez glisser de votre bouche le bâillon d'une inquisition insensée — qualifiée de connaissance — et d'une sensibilité exténuée, illustration de notre temps, qui occuperez tout le terrain au profit de la seule vérité poétique constamment aux prises, elle, avec l'imposture, et indéfiniment révolutionnaire, à vous. » René Char, *Recherche de la base et du sommet. Bandeau des matinaux*, Gallimard, 1950.

11. L'action folklorique est, du point de vue de la simple conservation d'éléments du patrimoine, absolument nécessaire. Des hommes comme Loulou Boislaville et d'autres ont été pour cela déterminants.

12. Le mot créole viendrait de l'espagnol « criollo », lui-même découlant du verbe latin « criare » qui signifie « élever, éduquer. Le Créole est celui qui est né et a été élevé aux Amériques sans en être originaire, comme les Amérindiens. Assez vite, ce terme a désigné toutes les races humaines, tous les animaux et toutes les plantes qui ont été transportés en Amérique à partir de 1492. Il s'est donc glissé une erreur dans les dictionnaires français à compter du début du dix-neuvième siècle, lesquels ont réservé le terme « Créole » aux seuls Blancs créoles (ou Béké). Quoi qu'il en soit, l'étymologie est, comme chacun sait, un

antilhanidade: passar do vivido comum para a consciência exprimida; ultrapassar a população intelectual levada em conta pelas elites do saber e de se firmar na afirmação coletiva apoiada pelo ato dos povos.” E. Glissant, *op. cit.*

8. Malemort. É. Glissant, Seuil, 1975.

9. Dézaft. Frankétienne, Éd. Fardin. Port-au-Prince, 1975.

10. "Primeiros levantados que faz cair de sua boca a mordada de uma inquisição insensata – qualificada de conhecimento – e de uma sensibilidade esgotada, ilustração de nosso tempo, que ocupa todo o terreno em proveito da única verdade poética constantemente em luta com a impostura e indefinidamente revolucionária, a vós." René Char, *Recherche de la base et du sommet. Bandeau des matinaux*. Gallimard, 1950.

11. A ação folclórica é do ponto de vista da simples conservação de elementos do patrimônio, absolutamente necessária. Homens como Loulou Boislaville e outros foram para isso determinantes.

12. A palavra crioulo viria do espanhol "criollo", ela própria resultante do verbo latino "criare" que significa "criar, educar". O Crioulo é aquele que nasceu e foi criado nas Américas sem ser originário delas como os Ameríndios. Bem depressa, esse termo designou todas as raças humanas, todos os animais e todas as plantas que foram transportadas para a América a partir de 1492. Disseminou-se então um erro nos dicionários franceses a partir do começo do século dezenove, que reservaram o termo "Crioulo" somente aos Brancos crioulos (ou Béké). Qualquer que seja, a etimologia é como se

terrain miné et donc peu sûr. Il n'est donc nul besoin de s'y référer pour aborder l'idée de Créolité.

13. « Le créole apparaît comme la meilleure donnée qui permette, de manière évolutive et dynamique, de *cadrer* l'identité des Antillais et des Guyanais. C'est que, par-delà les langues et les cultures créoles, il y a une *matrice* (bway) créole qui, au plan de l'universel, transcende leur diversité.» *Charte culturelle créole*. GEREK 1982.

14. De ce point de vue, l'approche du GEREK est intéressante : « La Créolité renvoie dos à dos tous les "arrière-mondes" pour construire l'avenir sur des bases *transraciales et transculturelles* (...). Pas seulement un faisceau de cultures, la Créolité est l'expression concrète d'une civilisation en gestation. Sa genèse cahoteuse et âpre, est à l'œuvre en chacun d'entre nous (...). La Créolité est un pôle magnétique à l'aimantation duquel nous sommes sommés — sauf à perdre notre âme — de régler notre réflexion et notre sensibilité. Son approfondissement à tous les niveaux et sur tous les plans de l'engagement individuel et social, devrait permettre à nos sociétés d'accomplir leur *troisième grande rupture*, et cette fois non pas sur le mode de l'exclusion, mais sur le mode communautaire... » *Charte culturelle créole*, GEREK, *op. cit.*

15. Le peintre martiniquais José Clavot démontra au cours d'un colloque consacré à Lafcadio Hearn (en 1987) qu'il pouvait y avoir une perception créole de la gamme chromatique, ce qui pouvait fonder une esthétique picturale créole.

sabe, um terreno minado e, portanto, pouco seguro. Não há, pois, nenhuma necessidade de se referir a isso para abordar a ideia de Crioulidade.

13. “O crioulo aparece como o melhor dado que permite, de maneira evolutiva e dinâmica, *enquadrar* a identidade dos Antilhanos e dos Guianenses. É que, para além das línguas e das culturas crioulas, há uma *matriz* (bway) crioula que, no plano do universal, transcende sua diversidade. *Charte culturelle créole*. GEREK 1982.

14. Desse ponto de vista, a abordagem do GEREK é interessante: "A Crioulidade devolve de costas voltadas os "mundos-passados" para construir o futuro sobre bases *transraciais e transculturais* (...). Não somente um feixe de culturas, a Crioulidade é a expressão concreta de uma civilização em gestação. Sua gênese agitada e áspera em curso em cada um de nós (...). A Crioulidade é um polo magnético na imantação do qual somos somados – a não ser com a perda de nossa alma - para regular nossa reflexão e nossa sensibilidade. Seu aprofundamento em todos os níveis e sobre todos os planos do empenho individual e social, deveria permitir a nossas sociedades cumprir sua *terceira grande ruptura*, e dessa vez não nos moldes da exclusão, mas no modelo comunitário..." *Charte culturelle créole*, GEREK, *op. cit.*

15. O pintor martinicano José Clavot demonstra durante um colóquio consagrado à Lafcadio Hearn (em 1987) que poderia haver uma percepção crioula da gama cromática, o que poderia fundar uma estética pictural crioula.

16. Ne pas réduire la Créolité à la seule culture créole. C'est la culture créole dans sa situation humaine et historique, mais c'est aussi un *état* d'humanité intermédiaire.

17. Voir Ina Césaire (*Contes de vie et de mort*, Éd. Nubia, 1976), Roland Suvélor (in *Acoma*, n° 3, Éd. Maspero, 1972), René Ménéil et Aimé Césaire (in *Tropiques*, n° 4, réédité en 1978), Édouard Glissant (in *Discours antillais*, *op. cit.*).

18. « Au fur et à mesure que le système des plantations se décompose, la culture populaire se délite. La production de contes, chansons, dictons, proverbes, ne disparaît pas d'un coup; s'y substitue pendant quelques temps une consommation béate et comme satisfaite (...). Les professions libérales et de prestige seront massivement investies entre 1946 et 1960 et connaîtront bientôt la saturation. Pendant cette longue période, où d'abord les bourgs se juxtaposent à la plantation (1850-1940) (...). Les textes littéraires produits le sont dans le champ de l'écrit et par le biais de cette couche moyenne. L'oralité de la littérature traditionnelle est refoulée par la vague de l'écriture qui *n'en prend pas le relais*. La béance est infinie, des caractéristiques du conte aux volutes du poème néo-parnassien, par exemple. » É. Glissant, *op. cit.*

19. « Ses caractères sont donnés dans une telle approche. Les brusques retours de tons, la continue rupture du récit et ses " déports ", dont l'accumulation fait la non-équivoque mesure de l'ensemble. La soudaineté psychologique, c'est-à-dire en fait l'absence de toute description psychologique donnée en tant que telle. La psychologie est la mesure de qui a le temps » É. Glissant, *op. cit.*

« L'économie d'une moralité : l'extrême finesse qui consiste à reprendre à chaque fois

16. Não reduzir a Crioulidade a única cultura crioula. É a cultura crioula na sua situação humana e histórica, mas é também um *estado* de humanidade intermediária.

17. Ver Ina Césaire (*Contes de vie et de Mort*, Ed. Nubia, 1976), Roland Suvélor (in *Acoma*, n° 3, Ed. Maspero, 1972), René Ménéil e Aimé Césaire (in *Tropiques*, n° 4, reeditado em 1978), Édouard Glissant (in *Discours antillais*, *op. cit.*).

18. “A medida que o sistema de plantações se decompõe, a cultura popular se altera. A produção de contos, canções, ditos, provérbios, não desaparecem de uma vez só; se substituem durante algum tempo um consumo excessivo e como satisfeito (...). As profissões liberais e de prestígio serão investidas massivamente entre 1946 e 1960 e conheceram logo a saturação. Durante esse longo período, onde primeiramente os burgos se justapõem a plantação (1850-1940) (...). Os textos literários produzidos estão dentro do campo de escrita e pelo viés dessa camada média. A oralidade da literatura tradicional é formulada pela onda de escrita que *não assumem esse papel*. A lacuna é infinita, as características do conto às volúpias do poema neo-parnasiano, por exemplo.” É. Glissant, *op. Cit.*

19. “Suas características são dadas em determinada abordagem. Os bruscos retornos de tons, a contínua ruptura da história e seus “descontos”, cuja acumulação faz a não – equívoca medida do conjunto. A brusquidão psicológica, ou seja, na ausência de toda descrição psicológica dada como tais. A psicologia é a medida de quem tem o tempo.” É. Glissant, *op, cit.*

“A economia de uma moralidade: a extrema fineza que consiste a tomar cada vez

le même type de situation et à se garder d'en proposer des "résolutions" exemplaires. L'art du Détour. » É. Glissant, *op. cit.*

« La démesure, c'est-à-dire en premier lieu la liberté absolue par rapport toute crainte paralysante de l'exercice tautologique. L'art de la répétition est neuf et fécond. Ressasser le texte est une jouissance. L'onomatopée ou, plus au fond, la mélodie, tournent dans la saoulerie du réel. La relativité du "victimaire" qui n'est pas solennel (...). Le conte nous a donné le Nous, en exprimant de manière implicite que nous avons à le conquérir. » É. Glissant, *op. cit.*

20. « La situation historique n'est pas ici un arrière-plan, un décor devant lequel les situations humaines se déroulent, mais est en elle-même une situation humaine, une situation existentielle en agrandissement. » Milan Kundera, *L'Art du roman*, Gallimard, 1986.

« Parce que la mémoire historique fut trop souvent raturée, l'écrivain antillais doit "fouiller" cette mémoire, à partir de traces parfois latentes qu'il a repérées dans le réel. Parce que la conscience antillaise fut balisée de barrières stérilisantes, l'écrivain doit pouvoir exprimer toutes les occasions où ces barrières furent partiellement brisées. Parce que le temps antillais fut stabilisé dans le néant d'une non-histoire imposée, l'écrivain doit contribuer à rétablir sa chronologie tourmentée, c'est-à-dire dévoiler la vivacité féconde d'une dialectique réamorcée entre nature et culture antillaises. » É. Glissant, *op. cit.*

« En ce qui nous concerne, l'histoire en tant que conscience à l'œuvre et, l'histoire en tant que vécu ne sont donc pas l'affaire des seuls historiens. La littérature pour nous ne se répartira pas en genres mais impliquera toutes

o mesmo tipo de situação e se propor "resoluções" exemplares. A arte do Desvio." É. Glissant, *op. cit.*

“A desmedida, quer dizer, em primeiro lugar a liberdade absoluta por todo medo paralísante do exercício tautológico. A arte da repetição é nova e fecunda. Repisar o texto é um gozo. A onomatopeia ou, mais ainda, a melopeia, voltam na embriaguez do real. A relatividade da “vitimização” que não é solene (...). O conto nos deu o Nosso, exprimindo de maneira implícita que nós temos a conquistar.” É. Glissant, *op. cit.*

20. “A situação histórica não é aqui um segundo plano, uma decoração frente às situações humanas que se desenrolam, mas é, em si mesma, uma situação humana, uma situação existencial em crescimento”. Milan Kundera, *L'Art du Roman*, Gallimard, 1986.

“Porque a memória histórica foi extremamente rasurada, o escritor antilhano deve “folhear” essa memória a partir de traços muitas vezes latentes que ele recuperou no real. Porque a consciência antilhana fora balizada por barreiras esterilizantes, o escritor deve poder exprimir todas as ocasiões onde essas barreiras foram parcialmente quebradas. Porque o tempo antilhano foi estabilizado no nascimento de uma não-história imposta, o escritor deve contribuir de forma a restabelecer sua cronologia atormentada, que dizer, revelar a vivacidade fecunda de uma dialética reforçada entre natureza e cultura antilhana.” É. Glissant, *op. cit.*

“No que nos diz respeito, a história enquanto consciência da obra e a história enquanto vivida não são apenas uma questão apenas para os historiadores. A literatura para nós não se repartira em gêneros, mas implicará todas as abordagens das ciências humanas...” É. Glissant, *op. cit.*

les approches des sciences humaines... » É. Glissant, *op. cit.*

21. « Notre paysage est son propre monument : la trace qu'il signifie est repérable par en dessous. C'est tout histoire. » É. Glissant, *op. cit.*

22. Notre propos n'est pas de dire que, riche de la vision intérieure, la connaissance romanesque, ou poétique, serait supérieure à une connaissance scientifique historique ou transdisciplinaire, mais seulement de souligner à quel point tout d'abord elle s'impose, ensuite à quelle intensité elle peut explorer ce qui est inaccessible aux savants. Ce n'est pas un hasard si, pour l'histoire antillaise, tant d'historiens utilisent des citations littéraires pour surprendre des principes qu'ils ne peuvent qu'effleurer du fait même de leur méthodologie. La connaissance artistique complète la connaissance scientifique pour la rapprocher des complexités du réel.

23. É. Glissant, *op. cit.*

24. « Car l'histoire n'est pas seulement pour nous une absence, c'est un vertige. Ce temps que nous n'avons jamais eu, il nous faut le reconquérir. Nous ne le voyons pas s'étirer dans notre passé et nous porter tranquilles vers demain, mais faire irruption en nous par blocs, charroyés dans des zones d'absence où nous devons difficilement, douloureusement, tout recomposer », É. Glissant, *op. cit.*

25. « Le roman n'examine pas la réalité mais l'existence. Et l'existence n'est pas ce qui s'est passé, l'existence est le champ des possibilités humaines, tout ce que l'homme peut devenir, tout ce dont il est capable. Les romanciers dessinent *la carte de l'existence*, en

21. “Nossa paisagem é seu próprio monumento: o traço que ele significa é detectável a partir de baixo. É toda história.” É. Glissant, *op. cit.*

22. Nossa proposta não é de dizer que, rica de visão interior, o conhecimento romanesco, ou poético, seria superior a um conhecimento científico histórico ou transdisciplinar, mas somente de sublinhar em qual ponto, primeiramente ela se coloca, em seguida, em qual intensidade ela pode explorar o que é inacessível aos sábios. Não é por acaso se, para a história antilhana, tantos historiadores utilizam citações literárias para surpreender princípios que eles podem apenas tocar do mesmo fato de sua metodologia. O conhecimento artístico completa o conhecimento científico pela abordagem das complexidades do real.

23. É. Glissant, *op. cit.*

24. “Porque a história não é somente para nós uma ausência, é uma vertigem. O tempo que nós jamais tivemos, é preciso que ele nos conquiste. Nós não o vemos espreguiçar-se no nosso passado e nos deixar tranquilos para amanhã, mas fazer irrupção em nós por blocos, carregados de zonas de ausência onde nós devemos dificilmente, dolorosamente, tudo recompensar”, É. Glissant, *op. cit.*

25. “O romance não examina a realidade, mas a existência. E a existência não é o que foi passado, a existência é o campo de possibilidades humanas, tudo o que o homem pode se tornar, tudo o que ele é capaz. Os romancistas desenham *a carta da existência*,

découvrant telle ou telle possibilité humaine. Mais encore une fois- : exister cela veut dire « être-dans-le-monde ». » Milan Kundera, *op. cit.*

26. La littérature n'a pas pour vocation de transformer le monde, tout au plus aide-t-elle à en saisir les profondeurs cachées, contribuant ainsi, à l'instar de la musique et de la peinture, à le rendre plus supportable, à le connaître mieux. L'écrivain, dans l'acte d'écrire, n'est et ne peut être un militant, un syndicaliste ou un révolutionnaire, sinon il se condamne à être à la fois un mauvais écrivain et un piètre militant. Nous croyons qu'une littérature qui décrypte soigneusement notre réel possède une force de vérité (et donc de questionnement) cent fois plus efficace que toutes les œuvres de dénonciation et de démonstrations d'axiome aussi généreux soient-ils. La valorisation de notre quotidienneté créole ne passe pas par les slogans mais plutôt par un effort de poétisation car le réel est en lui-même révolutionnaire quand il passe par le prisme d'une écriture soucieuse de mettre au jour ses soubassements. Aussi croyons-nous que la meilleure façon de participer au combat multi-séculaire que mènent nos peuples pour se libérer des entraves coloniales ou impériales, est de consolider à travers nos écrits cette culture créole que nos oppresseurs se sont toujours employés à minorer.

27. « Ces littératures n'ont pas le temps d'évoluer harmonieusement, du lyrisme collectif d'Homère aux dissections rêches de Beckett. Il leur faut tout assumer tout d'un coup, le combat, le militantisme, l'enracinement, la lucidité, la méfiance envers soi, l'absolu d'amour, la forme du paysage, le nu des villes, les dépassements et les entêtements. C'est ce que j'appelle notre

descobrimo tal ou tal possibilidade humana. Mas uma vez mais: existir quer dizer: “estar-no-mundo”. ” Milan Kundera, *op. cit.*

26. A literatura não tem por vocação transformar o mundo, no máximo ela ajuda a entender as profundezas escondidas, contribuindo assim, tal como a música e da pintura, para deixá-la mais suportável, para conhecê-la melhor. O escritor no ato da escrita não é e, não pode ser um militante, um sindicalista ou um revolucionário, senão ele se condena a ser, às vezes, um mau escritor e um pobre militante. Acreditamos que uma literatura que decifra cuidadosamente nosso real possui uma força de verdade (e então de questionamento) cem vezes mais eficaz que todas as obras de denúncia e de demonstrações de axiomas, também generosos. A valorização do nosso cotidiano crioulo não passa pelos slogans, mas talvez, por um esforço de poetização porque o real é em si mesmo revolucionário quando ele passa pelo prisma de uma escrita preocupada em descobrir seus fundamentos. Também acreditamos que a melhor maneira de participar do combate multi-sécular que leva nossos povos a se libertar dos entraves coloniais ou imperiais, é de consolidar através de nossas escritas essa cultura crioula que nossos opressores se empenharam sempre para minimizar.

27. “Essas literaturas não têm o tempo de evoluir harmoniosamente, do lirismo coletivo de Homero às dissecções grosseiras de Beckett. Precisam assumir de só vez, o combate, o militarismo, o enraizamento, a lucidez, a desconfiança em si, o absoluto do amor, a forma da paisagem, o nu das cidades, as superações e as teimosias. É o que chamo nossa irrupção na modernidade (...). Nós não

irruption dans la modernité (...). Nous n'avons pas de tradition littéraire longuement mûrie : nous naissons à la brutalité, je crois que c'est un avantage et non pas une carence. La patine culturelle m'exaspère quand elle n'est pas fondée dans une lente coulée du temps. La " patine " culturelle, quand elle ne résulte pas d'une tradition ou d'un agir, devient provincialisme vide. Nous n'avons pas le temps, il nous faut porter partout l'audace de la modernité. Le provincialisme est confortable à celui qui n'a pas fait sa capitale en lui, et il me semble qu'il nous faut dresser nos métropoles en nous-mêmes. L'irruption dans la modernité, l'irruption hors tradition, hors la " continuité " littéraire, me paraît être une marque spécifique de l'écrivain américain quand il veut signifier la réalité de son entour. » É. Glissant, *op. cit.*

28.« La modernité commence avec la recherche d'une littérature impossible. » Roland Barthes, *Le Degré zéro de l'écriture*, Seuil, 1972.

« Certains jours il ne faut pas craindre de nommer les choses impossibles à décrire, » René Char, *Recherche de la base et du sommet*, Gallimard, 1955.

« Seule est émouvante l'orée de la connaissance. (Une intimité trop persistante avec l'astre, les commodités sont mortelles) », R. Char, *op. cit.*

« L'impossible, nous ne l'atteignons pas mais il nous sert de lanterne. » R. Char, *op. cit.*

«Être du bond. N'être pas du festin, son épilogue. » R. Char, *Fureur et mystère*, Gallimard, 1962.

29. « J'appelle ici langage une série structurée et consciente d'attitudes face à (de relation ou de complicité avec, de réactions à l'encontre de) la langue qu'une collectivité pratique, que

temos tradição literária longamente amadurecido: Nós nascemos pela brutalidade, creio que é uma vantagem e não uma carência. A pátina cultural me exaspera quando ela não é fundada em um lento elenco do tempo. A “pátina” cultural quando ela não resulta de uma tradição ou de um agir, se torna provincialista e vazia. Nós não temos o tempo, precisamos ter por todo lado a audácia da modernidade. O provincialismo é confortável para aqueles que não fizeram seu capital nele, e me parece que é necessário direcionar nossas metrópoles para nós mesmos. A irrupção na modernidade, a irrupção fora da tradição, fora da “continuidade” literária, me parece ser uma marca específica do escritor americano quando ele quer significar a realidade do seu arredor.” É. Glissant, *op. cit.*

28. “A modernidade começa com a procura de uma literatura impossível.” Roland Barthes, *Le Degré Zéro de l'écriture*, Seuil, 1972.

“Alguns dias não é preciso medo de nomear as coisas impossíveis de descrever.” René Char, *Recherche de la base et sommet*, Gallimard, 1955.

“Somente está em movimento a borda do conhecimento. (Uma intimidade muito persistente com o lastro, as comodidades são mortais) ”, R. Char, *op.cit.*

“O impossível, nós não o alcançamos, mas isso nos serve de lanterna. ” R. Char, *op.cit.*

“Ser oportuno. Não ser do festim, seu epílogo”.R. Char, *Fureur et mystère*, Gallimard, 1962.

29. “Eu chamo aqui linguagem uma série estruturada e consciente de atitudes face a (relação ou de cumplicidade com reações ao encontro da) língua como uma coletividade

cette langue soit maternelle au sens que j'ai dit, ou menacée, ou partagée, ou optative, ou imposée. La langue crée le rapport, le langage crée la différence, l'un et l'autre aussi précieux », É. Glissant, op. cit. « Dans toutes langues autorisées tu bâtiras ton langage », É. Glissant, *L'Intention Poétique*, Seuil, 1969. « Je te parle dans ta langue et c'est dans mon langage que je te comprends. » É. Glissant, *op. cit.*

30. Véritable phénomène d'interactions négatives: langue créole, culture créole, créolité. Chacune, dénigrée, entraîne l'autre dans le dénigrement, une sorte de machine infernale à l'amorce indéchiffrable: laquelle a été touchée d'abord pour entraîner les autres?

31. Époque de la grande chasse au créole et aux créolismes. Elle se poursuit aujourd'hui encore mais sous une forme plus sournoise.

32. On doit y ajouter la connaissance de l'espagnol et de l'anglais caribéens, clés de notre espace.

33. On ne peut que regretter l'absence de suite au cri du GERIC « Nous souhaitons vivement qu'une structure permanente s'installe au plus tôt afin de regrouper et de coordonner l'action des chercheurs, des enseignants, des artistes, des créateurs, des animateurs et des administrateurs, qui seraient prêts à œuvrer pour la consolidation concertée de notre culture en péril. La création d'une maison des sciences humaines et de la Créolité (Gran kaz pou wouchach kréyol) s'avère donc nécessaire. » *Charte culturelle créole, op. cit.*

34. Dans « Les Antilles dans l'impasse, Des intellectuels antillais s'expliquent », Éd. Caribéennes et l'Harmattan, 1976.

prática, que essa língua seja materna no sentido já dito, ou ameaçada, ou dividida, ou optativa, ou imposta. A língua cria a abordagem, a linguagem cria a diferença, um e outro também precioso”, É. Glissant, op. cit. “Em todas as línguas autorizadas você batizará sua linguagem”, É. Glissant *L'intention poétique*, Seuil, 1969. “Eu te falo na sua língua e é na minha linguagem que eu compreendo”. É. Glissant, *op. cit.*

30. Verdadeiro fenômeno de interações negativas: língua crioula, cultura crioula, crioulide. Cada uma, denegrada, arrasta o outro para a depreciação, um tipo de máquina infernal no início indecifrável: aquela que foi tocada primeiramente para conduzir os outros?

31. Época da grande caça ao crioulo e aos crioulistas. Ela se segue ainda hoje mais sob uma forma mais dissimulada.

32. Devemos acrescentar o conhecimento do espanhol e do inglês caribenho, chaves do nosso espaço.

33. Não podemos esquecer a ausência do seguinte grito do GERIC: “Desejamos fortemente que uma estrutura permanente se instale o mais breve possível afim de reagrupar e de coordenar a ação de pesquisadores, de professores, de artistas, de criadores, de animadores e de administradores que estariam prontos para trabalhar pela consolidação harmoniosa da nossa cultura em perigo. A criação de uma casa das ciências humanas e da Crioulidade (Gran Kaz pou Wouchach kréyol) se prova então necessária.” *Charte culturelle créole, op. cit.*

34. “No “Les Antilles dans l'impasse, Os intelectuais antilhanos se explicam”, Éd. Caribéennes et l'Harmattan, 1976.

35. « Le langage, c'est réellement les fondations mêmes de la culture. Par rapport au langage, tous les autres systèmes sont accessoires et dérivés. » R, Jakobson, cité par Umberto Eco, dans *L'Œuvre ouverte*, Seuil, 1965.

36. « On ne peut pas opposer le créole et le français sur le mode générique langue nationale/langue de l'occupant ; ce qui ne veut pas dire que cette relation précise n'est pas une relation coloniale. Mais précisément, toutes les relations coloniales ne sont pas identiques. Malgré son caractère dominant (au plan social) le français a acquis une certaine *légitimité* dans nos pays. Si dans bien des cas, il est une langue seconde, il ne saurait être considéré en Guadeloupe, en Guyane, en Martinique, comme une langue étrangère, avec toutes les implications psychologiques que comporte cette notion. » *Charte culturelle créole*, GEREK, op. cit.

37. Acadie, Québec, Louisiane, Maghreb, Afrique noire francophone... Devenues autonomes les langues véhiculaires recouvrent aujourd'hui des problématiques absolument différentes, voire contraires : langue dominée en Acadie, le français est une langue dominante en Martinique. Pour signer ce texte les Acadiens auraient commencé par : Nous avons décidé de ne pas être Anglais...»

38. Ici on l'a appelé *fransé-bannann*. Dans ce français martiniquais ou guadeloupéen, il existe une dimension fautive (méconnaissance de la langue) et une dimension d'appropriation (appelée improprement créolisme). Instituteurs et parents, mettant le tout dans le même sac, ont assassiné l'usage responsable de la langue (donc créateur) en croyant réduire seulement

35. “A linguagem é realmente as fundações próprias da cultura. Com relação a linguagem todos os outros sistemas são acessórios e derivados”. R. Jakobson, citado por Umberto Eco, em *L'Œuvre ouverte*, Seuil, 1965.

36. “Não podemos opor o crioulo e o francês sob o mundo genérico língua nacional/língua do ocupante; o que não quer dizer que essa relação precisa não é uma relação colonial. Mas, precisamente, todas as relações coloniais não são idênticas. Apesar do seu caráter dominante (no plano social) o francês adquiriu certa *legitimidade* no nosso país. Se em vários casos, ela é uma segunda língua, ela não seria considerada em Guadelupe, na Guiana, na Martinica, como uma língua estrangeira, com todas as implicações psicológicas que comporta essa noção. ” *Charte culturelle créole*, GEREK, op.cit.

37. Acádia, Quebec, Louisiana, Magrebe, África negra francófona... Tornadas autônomas, as línguas veiculares recobertas hoje por problemáticas absolutamente diferentes, de fato contrários: língua dominada em Acádia, o francês é uma língua dominante na Martinica. Para assinalar o texto os Acadianos teriam começado por: “Nós decidimos não ser Inglês...”

38. Aqui chamamos *fransé-bannann*. Nesse francês martinicano ou guadalupense, existe uma dimensão culpável (ignorância da língua) e uma dimensão de apropriação (chamada impropriamente da língua) e uma dimensão de apropriação (chamada impropriamente crioulisto). Professores e pais, colocam tudo no mesmo saco, assinaram a utilização responsável da língua (então criadora) acreditando reunir somente a dimensão

la dimension fautive. De plus, un usage créateur de la langue française n'intéressait personne : pas toucher à l'idole...

39. « Il ne s'agit pas de créoliser le français mais d'explorer l'usage responsable (la pratique créatrice) qu'en pourraient avoir les Martiniquais. » É. Glissant, *op. cit.*

Il ne s'agit pas non plus de ce que dénonçait le GEREC : Aspirés par « l'Univers linguistique français, les intellectuels — et particulièrement les écrivains — antillais et guyanais développent une attitude soit de révérence, soit au contraire, plus rarement, de subversion envers la langue française. Dans tous les cas, leur rapport à cette langue reste éminemment fétichisé, sacré, religieux (même s'il est blasphématoire). L'idéologie marroniste, en littérature, est une tentative pour justifier la coupure d'avec le monde créole et l'installation — souvent lucrative — dans le système linguistique francophone. Il importe dès lors de s'auréoler du prestige compensatoire du guérillero œuvrant en plein cœur de la citadelle ennemie, afin de mettre en œuvre une prétendue stratégie du rapt (bawouf, koutjanm), du détournement de la langue du maître. » *Charte culturelle créole, op. cit.*

40. L'usage de l'argot français par des écrivains antillais, argot qui est déjà en soi une identité dressée dans la langue, est aussi nous semblerait-il un redoutable déport culturel. Là on quitte le champ neutre de la langue pour entrer dans une dimension particulière : on adopte à la fois une vision du monde et une vision de la langue elle-même.

41. « La langue est en deçà de la littérature (...). Ainsi sous le nom de style, se forme un langage autarcique qui ne plonge que dans la mythologie personnelle et secrète de l'auteur,

culpável. No mais, uma utilização criativa da língua francesa não interessa ninguém: não toca a índole...

39. “Não diz respeito a crioulizar o francês, mas explorar a utilização responsável (a prática criadora) que poderiam ter os Martinicanos”. É. Glissant, *op. cit.*

Também não diz respeito ao que denunciava o GEREC: Aspirados pelo “Universo linguístico francês, os intelectuais – e particularmente os escritores – antilhanos e guianenses desenvolvem uma atitude seja de relevância, seja, ao contrário, mais raramente, de subversão de volta à língua francesa. Em todos os casos, sua abordagem a essa língua resta eminentemente fetichizado, sagrado, religioso (mesmo se é blasfematório). A ideologia marronista, na literatura é uma tentativa para justificar a ruptura com o mundo crioulo e a instalação – muitas vezes lucrativa – no sistema linguístico francófono. Por conseguinte, é importante para glorificar o prestígio compensador do guerrilheiro abrindo em pleno coração da cidadela inimiga, afim de colocar em prática uma pretendida estratégia do rapto (bawouf, Koutjanm), da malversação da língua do mestre”. *Charte culturelle créole, op.cit.*

40. A utilização da gíria francesa pelos escritores antilhanos, gíria que já é em si uma identidade direcionada na língua, é também, nos parece, um formidável desvio cultural. Aqui deixamos o campo neutro da língua para entrar em uma dimensão particular: adotamos uma visão do mundo e uma visão da própria da língua.

41. “A língua está abaixo da literatura (...). Assim, sob o nome estilo, se forma uma linguagem autarcia que não mergulha na mitologia pessoal e secreta do autor, dentro

dans cette hypophysique de la parole, où se forme le premier couple des mots et des choses, où s'installent une fois pour toutes les grands thèmes verbaux de son existence (...). C'est l'Autorité du style, c'est-à-dire *le lien absolument du langage et de son double de chair*, qui impose l'écrivain comme une fraîcheur au-dessus de l'Histoire (...). L'identité formelle de l'écrivain ne s'établit véritablement qu'en dehors de l'installation des normes de la grammaire et des constantes du style, là où le continu écrit, rassemblé et enfermé d'abord dans une nature linguistique parfaitement innocente, va devenir enfin un signe total, le choix d'un comportement humain » Roland Barthes, *op. cit.*

dessa hipofísica da palavra onde se forma o primeiro casal de palavras e de coisas, onde se instala, de uma vez por todas, os grandes temas verbais de sua existência (...). É a Autoridade do estilo, quer dizer, *a ligação absoluta da linguagem e da sua dupla carne*, que impõe o escritor como um frescor acima da História (...). A identidade formal do escritor apenas estabelece a instalação de normas de gramática e de constantes do estilo, onde a escrita continua assemelhada e fechada, primeiramente em uma natureza linguística perfeitamente inocente, vai se tornar enfim um signo total, a escolha de um comportamento humano (...).” Roland Barthes, *op, cit.*

42. « Je conviens de nommer " Divers " tout ce qui jusqu'aujourd'hui fut appelé étranger, insolite, inattendu, surprenant, mystérieux, amoureux, surhumain, héroïque, et divin même. Tout ce qui est Autre. » Victor Segalen, *Essai sur l'exotisme*, Livre de poche, 1986, réédition.

42. “Concordo nomear “Diverso” tudo que até hoje foi chamado estrangeiro, insólito, inesperado, surpreendente, misterioso, amoroso, ser humano, heroico, e até mesmo divino. Tudo o que é o Outro”. Victor Segalen, *Essai sur l'exotisme*, Livre de poche, 1986, reedição.

« Le Divers qui n'est pas le chaotique ni le stérile, signifie l'effort de l'esprit humain vers une relation transversale, sans transcendance universaliste. Le Divers a besoin de la présence des peuples, non plus comme objet à sublimer, mais comme projet à mettre en relation. Comme le Même a commencé par la rapine expansionniste en Occident, le Divers S'est fait jour à travers la violence politique et armée des peuples. Comme le Même s'élève *dans* l'extase des individus, le Divers se répand par l'élan des communautés. Comme l'Autre est la tentation du Même, le Tout est l'exigence du Divers. » É. Glissant, *op. cit.*

“O Diverso que é não caótico nem estéril, significa o esforço do espírito humano para uma relação transversal, sem transcendência universalista. O Diverso tem necessidade da presença dos povos, não mais como objeto para sublimar, mas como projeto para colocar em relação. Como o Mesmo começou pela pilhagem expansionista no Ocidente, o Diverso emergiu através da violência política e armada dos povos. Como o Mesmo se levanta *no* êxtase dos indivíduos, o Diverso se espalha pelo impulso das comunidades. Como o Outro é a tentação do Mesmo, o Tudo é a exigência do Diverso”. É. Glissant, *op.cit.*

43.« Même hypothétisée, la totalité devient facilement totalitaire quand elle se dispense de recenser les étants. » É. Glissant, *op. cit.*

43. “Mesmo hipoteticamente, a totalidade se torna facilmente totalitária quando ela se

dispensa de identificar os seres”. É Glissant, *op. cit.*

44, « Au fond, une forme est esthétiquement valable justement dans la mesure où elle peut être envisagée et comprise selon des perspectives multiples, où elle manifeste une grande variété d'aspects et de résonances sans jamais cesser d'être elle-même. Umberto Eco, *op. cit.*

44. “No fundo, uma forma é esteticamente viável justamente na medida onde ela pode ser considerada e compreendida segundo múltiplas perspectivas onde ela manifesta uma grande variedade de aspectos e de ressonâncias sem jamais cessar de ser ela mesma”. Umberto Eco, *op. cit.*

45, « Partons donc de cet aveu d'impénétrabilité. Ne nous flattons pas d'assimiler les mœurs, les races, les nations, les autres ; mais au contraire réjouissons-nous de ne le pouvoir jamais; nous réservant ainsi la perdurabilité du plaisir de sentir le Divers. » V. Segalen, *op. cit.*

45. “Partimos então dessa confissão de impenetrabilidade. Não nos gabamos de assimilar os costumes, as raças, as nações, os outros; mas ao contrário, alegro-nos de não podermos jamais; reservando-nos assim a perduração do prazer de sentir o Diverso”. V. Segalen, *op. cit.*

« [...]la translittération des œuvres s'opère selon des règles si capricieuses qu'on ne voit pas trop comment les formuler. Des auteurs que l'on jugerait à première vue peu exportables à cause du fort accent étranger qu'ils gardent jusque dans les meilleures traductions, ou parce qu'ils doivent leur singularité à des conditions de vie et de création étroitement locales, passent les frontières sans encombre et se répandent avec succès dans le vaste monde — parfois d'emblée, parfois au contraire bien avant qu'ils n'aient été reconnus et compris dans leur domaine national (c'est le cas de Kafka [...]). D'autres en revanche, qui semblent devoir parler aux hommes de partout, grâce à une œuvre exempte de couleur locale et d'idiotismes par trop alambiqués, piétinent indéfiniment aux portes de la bibliothèque universelle et ne trouvent pas accueil même chez leurs plus proches voisins.» Marthe Robert, *Livre de lectures*, Grasset, 1977.

“[...] a transliteração das obras se opera segundo as regras tão caprichosas que não vemos como as formular. Os autores que julgaríamos, à primeira vista, exportáveis por causa do forte acento estrangeiro que eles têm até nas melhores traduções ou porque eles devem sua singularidade às condições de vida e de criação estreitamente locais, passando as fronteiras sem problemas e propagação com sucesso no vasto mundo — às vezes imediatamente, às vezes ao contrário bem antes deles terem sido reconhecidos e compreendidos no seu domínio nacional (é o caso de Kafka [...]). Outros, ao contrário, que parecem dever falar aos homens de toda parte, graças a uma obra livre de cor local e de idiotismos não muito complicados, pisoteiam indeterminadamente nas portas da biblioteca universal e não encontram acolhimento até nos mais próximos vizinhos.” Marthe Robert, *Livre de lecture*, Grasset, 1977.

46. « L'unité ne se représente à elle-même que dans la diversité. » V. Segalen, *op. cit.*

46. “A unidade só se representa a ela mesma na diversidade”. V. Segalen, *op. cit.*